



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**NOÁBIA MARIA DE FREITAS ESTRELA**

**ANÁLISE DOS PROCESSOS DE FLEXÃO E DERIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO NO  
LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2018**

**NOÁBIA MARIA DE FREITAS ESTRELA**

**ANÁLISE DOS PROCESSOS DE FLEXÃO E DERIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO NO  
LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação para  
obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Nazareth de Lima  
Arrais**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

E823a Estrela, Noábia Maria de Freitas.  
Análise dos processos de flexão e derivação do substantivo no livro didático do 6º ano do ensino fundamental / Noábia Maria de Freitas de Freitas Estrela. - Cajazeiras, 2018.  
56f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.  
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Substantivo. 2. Flexão e derivação. 3. Livro didático. 4. Língua portuguesa - ensino. 5. Ensino fundamental. I. Arrais, Maria Nazareth de Lima. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

NOÁBIA MARIA DE FREITAS ESTRELA

ANÁLISE DOS PROCESSOS DE PLENÇÃO E DERIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO NO  
LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa,  
do Centro de Formação de Professores da  
Universidade Federal de Campina Grande – Campus  
de Cajaciras - como requisito de avaliação para  
obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 18/10/2018

Banca Examinadora:

Maria Nazareth de Lima Arraes

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Nazareth de Lima Arraes  
(UAC/CFPE/FCG - Orientadora)

Anderson Siqueira Molins-Moira

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anderson Siqueira Molins-Moira  
(UAC/CFPE/FCG - Examinador 1)

José Francisco Alves de Sousa

Prof. Dr. José Francisco Alves de Sousa  
(UAC/CFPE/FCG - Examinador 2)

*A Deus, autor da vida;*

*Ao meu esposo Marcos, minha fonte de apoio;*

*Ao meu filho Ian Samuel, ainda em meu ventre.*

PARA SEMPRE, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, e por ter me dado saúde e força para superar os obstáculos diários.

A meu esposo Marcos, pelo carinho e companheirismo ao longo desses anos, sempre entendendo o motivo da minha ausência por 15 horas diárias.

A minha mãe, que sempre me deu forças para continuar quando, por inúmeras vezes, pensei em desistir por não aguentar o cansaço físico. E por ser meu suporte e meu exemplo de superação, sempre me incentivando com seu amor incondicional.

Ao meu irmão Túlio, por estar disposto a ajudar quando precisei.

Aos meus avós maternos, pela dedicação ao longo da vida, sempre ocupando o papel de pais e apoiando em todos os momentos.

Aos meus amigos e familiares de um modo geral, pelo incentivo, apoio e carinho.

A minha sogra, pelo alimento que eu não tinha tempo de preparar.

A minha amada orientadora, Maria Nazareth de Lima Arrais, pela paciência e palavras de ânimo. Uma pessoa admirável, humana e de uma inteligência inigualável, na qual eu me inspiro como pessoa e profissional.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras, pela dedicação e responsabilidade com que conduzem as aulas para formação acadêmica e profissional de seus alunos.

Aos coordenadores, secretário e secretária pelo pronto atendimento sempre que precisei.

À equipe da limpeza que, durante todos esses anos, estiveram preparando os ambientes que iríamos utilizar.

À equipe do Restaurante Universitário, pelo jantar delicioso todas as noites.

Ao pessoal da xerox, por sempre estarem dispostas a nos atender.

A Jady e a Patrícia, pela irmandade adquirida, por todo companheirismo e amizade.

Aos meus demais colegas de classe, pelo carinho, brincadeiras e momentos de diversão.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, dedicando suas palavras e seu ombro amigo. E àqueles que não acreditaram em mim, por serem um estímulo para que eu seguisse em frente.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o tratamento que o livro didático (LD) dá aos processos de flexão e derivação do substantivo. Para tanto, elaboramos uma base teórica partindo de apontamentos sobre o LD, finalizando com os conceitos e critérios de flexão e derivação estabelecidos por Mattoso (2004). Em seguida, verificamos se havia o trabalho com os processos de flexão e derivação do substantivo no LD do 6º ano do Ensino Fundamental; logo após, examinamos os conceitos trabalhados no LD; e posteriormente descrevemos como o LD trata os processos de flexão e derivação do substantivo. A fundamentação teórica foi o Estruturalismo Descritivo com base nas discussões de Mattoso (2004) no que diz respeito à flexão e a derivação do substantivo; Costa; Freitag; Motta (1993) quando apontamos algumas considerações sobre os LD e suas funções; e ainda, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao pontuarmos sobre a análise linguística e os objetivos do ensino de língua portuguesa para o Ensino Fundamental, sem desconsiderar os demais autores que seguem esta vertente e que nos auxiliaram nas teorias. Esta é uma pesquisa documental de abordagem quanti-qualitativa. O universo de pesquisa foram os quatro livros didáticos da coleção *PORTUGUÊS LINGUAGENS*. Dentre esse universo, selecionamos como *corpus* de análise o livro do 6º ano destinado aos alunos do ensino fundamental II. As categorias de análise foram os critérios de *regularidade/irregularidade*, *concordância/não concordância*, *não opcionalidade/opcionalidade* que definem os processos de flexão e derivação do substantivo para Mattoso (2004). O resultado da análise apontou que 29% das atividades do LD trabalham a flexão ou a derivação do substantivo de forma *completa*, o que corresponde a 07 atividades, 21% trabalham *de forma incompleta*, o que corresponde a 05 atividades, e 50% *não trabalham* os processos de flexão e derivação dos substantivos. A partir desse resultado, consideramos que há um baixo percentual para um trabalho efetivo de análise linguística dos devidos processos.

Palavras-chave: Substantivo. Flexão e derivação. Livro didático.

## ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how a textbook works with the noun inflection and derivation processes. To do so, we elaborate a theoretical basis starting from notes about the textbook, ending with the concepts and criteria of flexion and derivation established by Mattoso (2004). Then, we verified if the 6th year of Elementary School textbook dealt with the noun inflection and derivation processes; after this, we examine the concepts worked on it; and later we describe how it treats noun inflection and derivation processes. The theoretical framework of this study was Descriptive Structuralism based on the discussions of Mattoso (2004) regarding flexion and derivation of the noun; Coast; Freitag; Motta (1993) when we pointed out some considerations about the use of the textbook and its functions; as well as in the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) and in the Base Nacional Comum Curricular (BNCC), when we focused on the linguistic analysis and the objectives of Portuguese language teaching for Elementary School, not mentioning other authors who follow this strand and that helped us with their theories. This is a quantitative-qualitative documentary research. The research universe was the four textbooks of *PORTUGUÊS LINGUAGENS* collection. From this universe, we selected as corpus of analysis the book of the 6th year destined to elementary students. The categories of analysis were the criteria of regularity/irregularity, agreement/non-agreement, non-optional/optional that define the noun inflection and derivation processes according to Mattoso (2004). The analysis result indicated that 29% of the textbook activities work inflection or derivation of the noun in a complete way, which corresponds to 07 activities, 21% work incompletely, which corresponds to 05 activities, and 50% do not work the noun inflection and derivation processes. From this result, we consider that there is a low percentage of effectiveness related to linguistic analysis of the referred processes.

Keywords: Noun. Inflection and derivation. Textbook.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Universo de pesquisa.....	16
Figura 2 -	<i>Corpus</i> de análise.....	16
Figura 3 -	Atividade com a flexão do substantivo <i>de forma completa</i> .....	46
Figura 4 -	Atividade com a flexão do substantivo <i>de forma incompleta</i> .....	48
Figura 5 -	Atividade com a derivação do substantivo <i>de forma completa</i> .....	50
Figura 6 -	Atividade que <i>não trabalha</i> os critérios de flexão e derivação do substantivo.....	51

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Objetivos gerais da Língua Portuguesa para o ensino fundamental..	26
Quadro 2 -	Unidades, Capítulos e Seções que compõem o LD.....	34
Quadro 3 -	Estrutura do LD.....	36
Quadro 4 -	Cronograma de distribuição de aulas.....	41

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CFP	Centro de Formação de Professores
COLTED	Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático
INL	Instituto Nacional do Livro
LD	Livro Didático
LDLP	Livro Didático de Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
SNEL	Sindicato Nacional de Editores de Livros
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
USAID	Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 METODOLOGIA.....	15
<b>2 O LIVRO DIDÁTICO E SUA EVOLUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO .....	18
2.2 O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	22
<b>3 A GRAMÁTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>27</b>
3.1 SOBRE A ANÁLISE LINGUÍSTICA.....	27
3.2 FLEXÃO E DERIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO.....	30
<b>4 A ANÁLISE: O SUBSTANTIVO NO LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>34</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> E PRESENÇA DO SUBSTANTIVO NO LD .....	34
4.2 TRATAMENTO DADO AO SUBSTANTIVO .....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Livro Didático (LD) é um instrumento de caráter pedagógico, utilizado nas escolas por professores e alunos no decorrer da ministração das aulas. Não há dúvidas de que o livro didático auxilia o professor no processo de ensino aprendizagem, no entanto não deve ser visto como única fonte de exploração do conhecimento. Devemos buscar também outros meios com outros olhares para o aprofundamento dos saberes para discentes, tendo em vista que o exemplar é apenas para direcionar o trabalho do profissional.

A tarefa de analisar os processos de derivação e flexão dos nomes, mais precisamente dos substantivos, é complexa, tendo em vista as divergências existentes entre ambos. É comum nos depararmos com uma confusão de interpretação quando se trata dos processos aqui apresentados. A classificação de gênero, número e grau dos substantivos dentro do processo de flexão e derivação é um assunto ainda em discussão por parte de muitos pesquisadores. Além do que, não se chegou a um consenso sobre o lugar adequado que cada uma das categorias deve ocupar.

As categorias de flexão e derivação do substantivo não são trabalhadas conjuntamente, na maioria dos livros didáticos. Em se tratando de morfologia flexional, as gramáticas normativas apontam o gênero, número e grau dos substantivos em um mesmo patamar, ou seja, os três elementos como processos flexionais. O gênero, muitas vezes, encontra-se relacionado ao sexo, apesar de inúmeras discussões já existentes, o número se resume em singular e plural e, o grau nada mais é do que a classificação do aumentativo e diminutivo, este é o mais controverso por parte dos autores, não se chegando a um consenso se faz parte do processo de flexão ou derivação.

O vocábulo *flexão* indica que um termo pode se flectir, ou seja, dobrar-se a novos vocábulos, já a *derivação* faz com que os vocábulos se estendam formando novos. Mattoso (2004) utiliza-se de alguns princípios para distinguir os processos de flexão e derivação: regularidade/irregularidade, concordância/não concordância, não opcionalidade/opcionalidade, respectivamente.

Com base nessa discussão, elaboramos a seguinte pergunta de pesquisa: Qual o tratamento dado pelo LD aos processos de flexão e derivação do substantivo? Partimos do pressuposto de que, apesar de o estudo sobre flexão e derivação já estar presente em sala de aula, ainda existem falhas nos livros quanto à classificação das categorias de gênero, número e grau como processos flexionais ou derivacionais dos nomes. Comumente as categorias aqui

citadas são trabalhadas em unidades diferentes no LD e, na maioria dos casos, de forma simples e com alguns exemplos para que o aluno possa compreender a sua realização.

Nessa direção, o objetivo geral dessa pesquisa é, pois, analisar o tratamento que o LD dá aos processos de flexão e derivação do substantivo. E os objetivos específicos que servirão de etapas para atingir o geral são: verificar se o LD trabalha com os processos de flexão e derivação do substantivo; examinar os conceitos de flexão e derivação no LD; e por fim, descrever como o LD trata os processos de flexão e derivação do substantivo.

Para tanto, nos fundamentamos no Estruturalismo Descritivo com base nas discussões de Mattoso (2004) no que diz respeito à flexão e a derivação do substantivo; Costa; Freitag; Motta (1993) quando apontamos algumas considerações sobre os LD e suas funções; e ainda, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao pontuarmos sobre a análise linguística e os objetivos do ensino de língua portuguesa para o Ensino Fundamental.

A escolha do tema se deu em razão de a reflexão sobre os processos de flexão e derivação dos substantivos nos ajudar, como estudante e profissional, a adquirir uma nova visão em relação à análise dos vocábulos. Ao conhecer e identificar a funcionalidade de cada meio associado ao livro didático podemos compreender melhor como se dão os devidos processos. Os substantivos, assim como todos os outros vocábulos, estão presentes cotidianamente em nosso vocabulário, sendo assim, é de extrema importância que o profissional e o estudante das letras possa conhecê-los mais profundamente.

O texto está organizado em quatro capítulos os quais se coadunam entre si para responder aos anseios da investigação. Inicialmente, apresentar-se-á o conjunto do trabalho, pontuando-se como uma *introdução* e primeiro capítulo de nossa discussão, a partir do qual contextualizamos a temática, destacamos a motivação que nos levou ao desenvolvimento do trabalho, bem como os objetivos pretendidos, de modo a ampliar a compreensão sobre a metodologia com o tipo de pesquisa, os materiais utilizados, as categorias e os critérios de análise desenvolvidos.

O segundo capítulo é intitulado *Algumas considerações sobre o livro didático* e nele contemplamos assuntos referentes ao percurso histórico do LD e suas transformações ao longo do tempo até se chegar ao que conhecemos hoje, bem como suas características e contribuição para o ensino de língua portuguesa, visando sua utilização pelo professor em sala de aula.

No terceiro capítulo intitulado *A gramática no livro didático de língua portuguesa*, discutimos sobre como se dá o estudo da gramática a partir da linguística, e teremos como ponto central as discussões contextuais e específicas em relação à flexão e derivação do substantivo, de acordo com os critérios adotados por Mattoso (2004).

No quarto capítulo denominado *A análise: o substantivo no livro didático*, procedemos a análise visando explicitar se nas atividades analisadas encontramos os critérios de *regularidade/irregularidade, concordância/ não concordância, não opcionalidade/ opcionalidade* atribuídos por Mattoso (2004) para definir os processos de flexão e derivação do substantivo.

Por fim, no quinto e último capítulo, apresentamos as nossas *Considerações finais*, a partir das quais destacamos os resultados obtidos com a análise realizada sobre o trabalho com a flexão e derivação do substantivo presentes no LD. Logo em seguida, constam as referências.

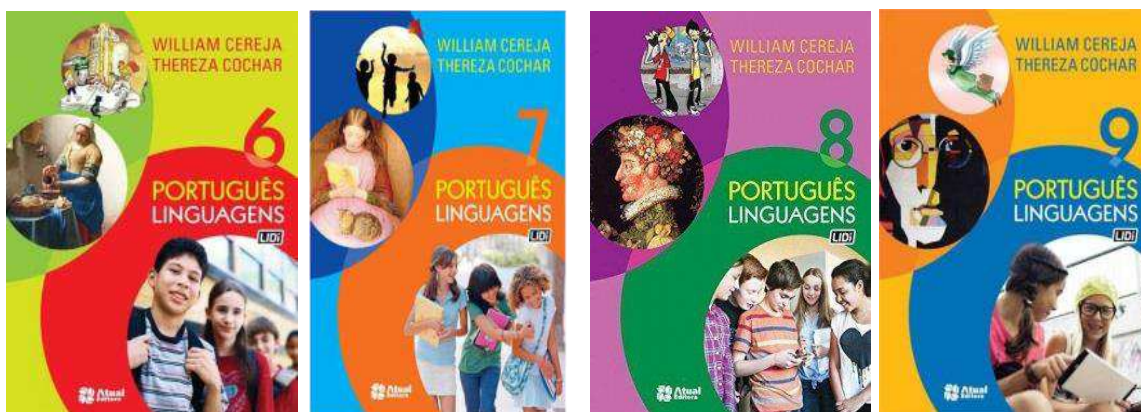
## 1.1 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa documental pelo fato de que, neste tipo de pesquisa, utilizamos documentos como fonte de coleta de dados, escritos ou não, capazes de constituir as chamadas fontes primárias (MARCONI; LAKATOS, 2003). Nesse caso, o LD é um documento oficial, e constitui o principal elemento para o desenvolvimento de nossa análise, pois, de acordo com Severino (2007), tais materiais constituem a matéria-prima a partir da qual o pesquisador poderá desenvolver o seu trabalho.

A abordagem, por sua vez, é quanti-qualitativa. É quantitativa pelo fato de quantificar informações numéricas dos dados observados, por meio de recursos e técnicas estatísticas (PRODANOV; FREITAS, 2013). Optamos por realizar uma pesquisa de abordagem também qualitativa, pois a partir de sua estrutura e capacidade de fornecimento de dados, busca-se o esclarecimento de situações e contextos sobre o tratamento que o LD dá aos processos de flexão e derivação do substantivo. Segundo Prodanov e Freitas (2013), nesse tipo de pesquisa, os dados obtidos são descritivos e interpretativos, retratando o maior número dos elementos existentes na realidade observada.

O universo de pesquisa é a coleção *Português Linguagens* (2015), dos autores William Cereja e Thereza Cochar, 9ª edição, publicada pela editora Saraiva no ano de 2015.

Figura 1 - Universo de pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Desse universo, selecionamos, como *corpus*, o LD do 6º ano do Ensino Fundamental. O critério de seleção do livro levou em consideração o fato de a coleção ter sido avaliada e aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Vejamos a capa do livro, na Figura 2.

Figura 2 - *Corpus* de análise



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A escolha do LD na versão do professor se deu porque nele contém um caderno de orientações para o professor onde podemos observar como os autores sugerem ao docente a exploração dos conteúdos, aqui especificamente, os processos de flexão e derivação do substantivo.

As categorias de análise do substantivo são os critérios adotados por Mattoso (2004): regularidade/irregularidade, concordância/não concordância, não opcionalidade/opcionalidade respectivamente correspondentes aos processos de flexão e derivação do substantivo.

Como critérios de análise, alguns questionamentos são respondidos: 1) O LD trabalha com flexão e derivação do substantivo? 2) O LD trabalha com regularidade/irregularidade, concordância/não concordância, não opcionalidade/opcionalidade da flexão e derivação do substantivo de forma *completa, incompleta* ou, ainda, *não trabalha*?

Estabelecidos os apontamentos metodológicos, nosso próximo passo é estruturar a base teórica, partindo de uma discussão sobre o LD, os documentos que orientam o ensino na Educação Básica, finalizando com a teoria base de análise: os processos de flexão e derivação do substantivo sob a perspectiva do Estruturalismo descritivo de Mattoso (2004).



## 2 O LIVRO DIDÁTICO E SUA EVOLUÇÃO

Este capítulo apresenta, de forma breve, como se deu a evolução do LD ao longo dos anos, desde a sua primeira criação até os dias atuais, dando ênfase ao Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP) e suas formas de utilização por professores e alunos nas escolas da rede pública de todo país.

### 2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

O LD existe há anos, fazendo parte da história de muitas gerações, e mesmo em meio a tantos avanços tecnológicos ainda possui o papel relevante na sociedade, o de atuar como mediador de conhecimentos entre professores e alunos. Através dos papéis impressos são exigidas atenção e concentração para que a mensagem seja compreendida, capaz de atrair a atenção e provocar o interesse pela leitura. Mesmo dividindo espaço com outros instrumentos como quadro, *data show*, *internet*, *tabletes*, audiovisuais, entre outros, o LD continua ocupando o papel central nas salas de aula.

Desde sua criação, o LD carregou uma ambiguidade em relação ao seu público alvo. De primeira mão, a figura central era a do professor, anos depois percebeu-se que não deveria ser um material exclusivo dessa classe, mas que os alunos também poderiam ter contato com o livro, passando a vê-los como seus consumidores, e fazendo com que se houvesse a necessidade de modificar o produto para atender ao novo público, de modo que a linguagem fosse transformada e aperfeiçoada. As ilustrações, por sua vez, passaram a se tornar uma necessidade, bem como a aparição de novos gêneros (BITTENCOURT, 2004 *apud* FREITAS; RODRIGUES, 2007).

A partir da década de 1960, o manual escolar iniciou seu processo de evolução ao LD. Desde então, as características do livro foram se moldando à nova realidade escolar. De início, os sinais mais visíveis de mudança foram o tamanho do formato e o aspecto visual das capas, surgindo ilustrações e imagens direcionadas ao público escolar. Em 1985, introduzido pelo PNLD, o livro descartável deu lugar ao durável. O primeiro era produzido para ser utilizado pelo período de um ano, sendo assim, o material era de baixa qualidade e as perguntas eram respondidas nas páginas do próprio material. Por volta da década de 1990, surgiu a necessidade de avaliá-lo, passando então a ser produzido em um material de melhor qualidade, além de mudanças na linguagem e no conteúdo (FREITAS; RODRIGUES, 2007).

Mesmo em meio a uma infinidade de opções de instrumentos a serem utilizados em sala de aula, o LD continua sendo a fonte de informação impressa mais utilizada por professores e alunos em grande parte das escolas de todo país. Para Batista (1999, p. 534 *apud* SANTOS, 2007, p. 18), “o livro didático desenvolve importante papel no quadro mais amplo da cultura brasileira, das práticas de letramento e do campo da produção editorial e compreende, conseqüentemente, diferentes dimensões de nossa cultura”.

Os Livros Didáticos (LD) encontram-se à disposição para a escolha pelo professor, constituindo um importante referencial para o trabalho em sala de aula. Durante a escolha, os professores são norteados por critérios estabelecidos pelo PNLD, que é responsável por avaliar e disponibilizar os exemplares dos manuais didáticos, além de outros materiais, de maneira regular, sistemática e gratuita, às escolas de educação básica da rede pública de ensino. Diante disso, Santos (2007, p 22) explica que:

Os professores, durante o processo de escolha do PNLD, devem seguir regras estabelecidas pelo programa do MEC, tais como atender ao cronograma do período de escolha, analisar o Guia do Livro Didático, organizar-se para analisar e definir as obras, preencher o formulário de escolha.

Em meio às regras estabelecidas, resta-nos saber se são realmente utilizadas pelos docentes no processo de escolha dos LD que serão utilizados em sala durante a ministração das aulas, ou se a seleção é realizada de maneira aleatória levando em conta apenas o design moderno do material, e não o seu conteúdo e a forma como é exposta.

O LD sofreu evolução ao longo dos anos até se tornar o material que conhecemos. O primeiro instrumento de alfabetização dos brasileiros foi o chamado “Cartilha Maternal”, utilizada em Portugal, e devido ao sucesso, foi distribuída em todas as escolas portuguesas, incluindo o Brasil, ainda colônia. Os manuais exportados para o Brasil eram diferenciados dos utilizados em Portugal, seu material era de menor qualidade e o preço mais elevado. Devido ao preço superior, alguns docentes optavam por produzir seus próprios aparatos, denominando-os “cartas do ABC” (BAIRRO, s/d).

De acordo com Bairro (s/d, p. 7), “as primeiras cartilhas nacionais foram acompanhadas do movimento sobre as questões dos métodos de alfabetização, que primeiramente eram sintéticos, passando então ao método analítico”. O método sintético ou tradicional era aquele ensinado por etapas, ensinava-se primeiro as letras do alfabeto, em seguida as sílabas, até que os alunos conseguissem formar palavras e frases, ou seja, partia-se

da parte para o todo. O método analítico, por sua vez, parte do todo, ou seja, inicia-se com palavras, frases ou textos, fazendo com que seja compreendido o seu sentido, estimulando a reflexão dos alunos, para só depois estudar as partes. No ano de 1880, surgiu a “Cartilha Nacional” criada por Hilário Ribeiro, capaz de propor a leitura e escrita trabalhadas de forma conjunta.

A partir da Proclamação da República, em 1889, o Brasil se deslumbrou no sonho de formar cidadãos republicanos, formado pela necessidade de impor e atender uma nova ordem política e social. Se existisse ordem, o progresso seria inevitável. Essas mudanças que eram esperadas não alteraram em nada para a maioria da população. Nesse período, a maioria da população era analfabeta. Dessa classe faziam parte além dos operários e agricultores, os negros que ganharam suas cartas de alforria (BAIRRO, s/d, p. 8).

Quando se tratava de melhoria na educação, havia um determinado contraste, pois de um lado existia o intuito de erradicar o analfabetismo, mas, de outro, havia a imposição do voto, em que para se tornar eleitor bastava apenas saber assinar o nome e eleger os representantes já determinados.

O “Primeiro Livro de Leitura” foi publicado por Felisberto de Carvalho, no ano de 1892, apesar de ser a favor do método analítico, o autor trabalhava através de sílabas. Já em 1907, a “Cartilha Analítica” foi produzida, cujo autor era Arnaldo Barreto, sendo utilizada em muitos locais do Brasil. O título nos transmite a ideia de que a cartilha trabalhava através do método analítico, mas não era bem assim, ela encontrava-se dividida em decifração e compreensão. Segundo Bairro (s/d, p. 10) “essa obra dava ênfase ao sistema de ensino partindo das historietas, que eram frases que se relacionavam por meio de ideias lógicas. Podemos citar um exemplo extremamente lembrado dessa situação: “Ivo viu a uva””.

Havia certa divisão entre a preferência dos professores em relação ao método que preferiam abordar em sala de aula: enquanto uns optavam pela mudança, outros defendiam o modo tradicional. Diante disso, Bairro (s/d, p. 10) diz que “a reforma Sampaio Dória, lei nº 1750, de 8 de dezembro 1920, passa a dar liberdade as instituições seguirem o método de alfabetização que achassem melhor. Nessa situação foi surgindo o método de alfabetização misto, que unia o sintético e o analítico”.

Em toda trajetória até se chegar ao LD que conhecemos, podemos perceber que havia quem defendesse o modo tradicional, o sintético, e os que apoiavam o método analítico, sempre havendo essa divisão de opiniões. Ainda assim, os LD são materiais de interesse educacional, capazes de nos ajudar a identificar os caminhos que os discentes traçaram para se

chegar ao resultado de alfabetização (MORTATTI, 2000 *apud* BAIRRO, s/d, p. 14), afirma que:

Por quase um século, esses esforços se concentraram, sistemática e oficialmente, na questão dos métodos de ensino da leitura e escrita, e muitas foram as disputas entre os que se consideravam portadores de um novo e revolucionário método de alfabetização e aqueles que continuavam a defender os métodos considerados antigos e tradicionais.

No Brasil, o LD não possui uma história própria, sendo composta por uma sequência de decretos, lei e medidas governamentais que se sucedem a partir de 1930, período desde o qual houve no país o desenvolvimento de uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e almejando um fundamento científico (COSTA; FREITAG; MOTTA, 1993).

O Instituto Nacional do Livro (INL) foi criado em 1937, com o intuito de formular políticas do livro didático nacional, colaborando para dá-lhe maior validação, e contribuindo no aumento da produção. O INL estruturou-se em vários órgãos, dentre eles a coordenação do LD, que possuía as funções de: planejar as atividades relacionadas com o LD e estabelecer convênios com órgãos e instituições que assegurassem a produção e distribuição do LD (COSTA; FREITAG; MOTTA, 1993).

Por meio do decreto-lei 1.006 de 30/12/1938, foi criada uma Comissão Nacional do Livro Didático, com as atribuições de analisar e julgar os LD, indicar os livros que deveriam ser traduzidos, e ainda propor a abertura de concursos para a produção de novos livros no país. A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) foi fundada na década de 1960, durante o regime militar, através de um acordo assinado entre o governo brasileiro e americano. De acordo com Costa; Freitag e Motta (1993, p. 14):

Elza Nascimento Alves, assessora do MEC naquela ocasião, explica que o convênio firmado em 06/01/67 entre o MEC/ SNEL/ USAID (Ministério da Educação/ Sindicato Nacional de Editores de Livros e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional) tinha como objetivo tornar disponíveis cerca de 51 milhões de livros para os estudantes brasileiros no período de três anos.

Atualmente, os professores têm a possibilidade de escolher os LD que irão adotar para serem trabalhados em sala de aula durando três anos letivos; sendo assim, tais livros deixaram de ser descartáveis e passaram a ser utilizados por um maior período de tempo. A escolha é

feita através de princípios e critérios estabelecidos pelo PNLD, que é responsável pela seleção dos livros que serão analisados. O PNLD (2018, p. 10) defende que:

Em um país diverso, complexo e de dimensões continentais como o Brasil, é preciso reconhecer que cada região, cada município, cada comunidade, cada escola, cada equipe docente, tem uma história peculiar, com suas singularidades e necessidades, impossíveis de conhecer de antemão e à distância. Portanto, cada contexto requer a definição de objetivos e finalidades próprios para as escolhas e usos do livro didático.

No dia a dia em sala de aula, o LD acaba se tornando um aliado no processo de ensino-aprendizagem, capaz de atender as necessidades do professor e alunado, que vem buscando algo inovador. Vale a pena ressaltar que se encontram mais diversificados, abordando assuntos voltados para os gêneros textuais, além de um material de apoio interdisciplinar. Todavia, Madeira (2012, p. 54) afirma que: “O cuidado que se deve ter é que este instrumento pedagógico não seja um “exemplário”, que não seja o mesmo com apenas uma nova roupagem, pois, assim, não haveria evolução ou critério e, sim, mudanças de exemplos”.

No que diz respeito ao LDLP, detalharemos a seguir sobre o ensino de Língua Portuguesa a partir de sua utilização.

## 2.2 O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A propagação de cursos rápidos com o intuito de formar professores faz com que a educação se encontre cada vez mais em fases de retrocesso, talvez devido à falta de embasamento teórico adequado ao tempo de estudo com carga horária reduzida. Conseqüentemente, surge a desvalorização do trabalho docente, acarretando salários mais baixos e acúmulo de aulas, intensificando ainda mais o processo de desvalorização. Sendo assim, o LD passa a ser introduzido em sala de forma fundamental, já que traz consigo roteiros, conteúdos e respostas prefixadas (OTA, 2009).

O LD que deveria ser apenas um dos suportes utilizados pelo professor em sala de aula é, na grande maioria dos casos, a única fonte de pesquisa e o único meio de interação. Professores e alunos se acomodam com os textos apenas contidos no LD, e que não possuam mais de uma página, pois a leitura que deveria ser algo prazeroso não passa de algo enfadonho (OTA, 2009).

Não há como saber ao certo o motivo pelo qual o LD é tido como um manual a ser seguido, talvez seja pelo excesso de carga dos docentes para que possam receber um salário melhor, ou pela falta de acesso a outros recursos, ou ainda, simplesmente pelo fato de economizar tempo de estudo e reflexão, tendo em vista que o exemplar do professor já possui até as repostas prontas para as perguntas relacionadas aos conteúdos.

Diante do inegável espaço que o LD, bem ou mal, reconhecidamente ocupa, o MEC institucionaliza um conjunto de políticas de avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos para a Escola Pública de nível fundamental, através do PNL (Programa Nacional do Livro Didático), embora nem sempre os critérios de escolha da escola sejam os mesmos propostos pelo Programa, dada a influência de um poderoso jogo de marketing por parte das editoras (OTA, 2009, p. 214).

Apesar das diversas críticas ao longo dos anos, o LD não pode simplesmente ser deixado de lado, pois pode funcionar como um dos vários suportes utilizados pelo professor em sala de aula, os conteúdos nele apresentados podem servir de base para uma aula proveitosa e de qualidade. Por outro lado, há escolas que não são capazes de disponibilizar outros materiais adequados, e também educadores que não possuem condições de buscar com recursos próprios.

De acordo com Ota (2009), a presença massiva do LD na escola vem revelá-lo detentor de um discurso de autoridade por duas razões: a primeira, pelo fato de ser, na maioria das vezes, o único recurso didático fornecido pela escola; e a segunda pelas verdades que ele carrega, fazendo com que se constitua como a fonte exclusiva de saber, dando autonomia aos professores de cobrar dos alunos respostas iguais às prontas em seu manual.

Diante disso, como se encontra o LDLP e como está sendo trabalhado? Será que, na grande maioria dos casos, os docentes se utilizam de interpretações prontas, não dando espaço a outras leituras, posicionamentos ou questionamentos, servindo apenas para reprodução? Perante os questionamentos, o LD nessas condições, se torna a única fonte de conhecimento e saber, não dando aos alunos, a oportunidade de refletir e expor seus posicionamentos, formando pessoas apenas capazes de reproduzir o que já está pronto. O LD não tem a função de substituir o professor em sala de aula, e sim auxiliá-lo, suas principais funções de acordo com Costa; Freitag e Motta (1993, p. 79) são: “a) padronizar e delinear a matéria; b) apresentar aos docentes métodos e processos [...] para melhorar os resultados do ensino; c) colocar ao alcance de todos, especialmente alunos, estampas, desenhos, mapas e textos de difícil acesso ou muito raros”.

O LD ocupa um espaço considerável, seja quando utilizado pelos alunos ou professores que, mesmo adquirindo outros recursos, recorrem a ele quando necessário para colher sugestões de assuntos que ministrarão nas aulas, propiciando praticidade ao trabalho pedagógico. O LD é um bem consumível e descartável, sendo necessárias atualizações periódicas, tornando desatualizadas as publicações anteriores. O termo “didático” o torna perecível e descartável, tendo de se adequar as faixas etárias e ao nível de desenvolvimento do alunado (OTA, 2009).

Por ainda ser o instrumento de maior uso em sala de aula, cabe nos questionar sobre a qualidade desses materiais, tendo em vista o grande número de alunos matriculados em toda rede pública de ensino. Vimos anteriormente que ao longo dos anos foram criados órgãos encarregados de avaliar a qualidade dos LD. Costa; Freitag e Motta (1993, p. 41-42) afirmam que:

A existência de comissões ou instituições estatais encarregadas da avaliação da qualidade do livro didático implica uma série de riscos e problemas. Até agora, nem no Brasil, nem no exterior foram encontradas soluções ideais, que atendessem a todos os interessados no livro didático no que diz respeito à avaliação de sua qualidade.

Diante dos autores que se dedicaram em analisar os conteúdos do LD, podemos dividi-los em dois grupos de acordo com Costa; Freitag e Motta (1993): o primeiro grupo diz respeito aqueles preocupados em analisar a fundamentação pedagógica, psicológica, linguística e semiológica dos textos; e o segundo grupo são os que se preocupam com os valores, preconceitos e concepções ideológicas contidas no LD. O LDLP encontra-se inserido no segundo grupo.

O ensino e a aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa nas escolas são provenientes da conexão entre os alunos, a língua e o ensino. Cabe, portanto, ao professor realizar a articulação dessa tríade, fazendo com que os objetivos de reflexão e desenvolvimento do alunado sejam alcançados. De acordo com os PCN (1998, p.22),

O primeiro elemento dessa tríade - o aluno - é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento - o objeto de conhecimento - são os conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro elemento da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento.

Diferente do que vimos afirmando até aqui sobre o LD, o de Língua Portuguesa, através da leitura de textos, somos capazes de refletir e desenvolver um senso crítico mais elaborado. A escola é o meio que pode e deve apresentar e oferecer aos educandos os mais variados textos que circulam na sociedade, estimulando-os a produzir e interpretá-los. Podemos perceber nas escolas de todo país um considerável número de analfabetos funcionais, capazes de ler e escrever, porém incapazes de refletir e analisar o que foi lido. A educação devidamente comprometida com o crescimento intelectual dos discentes deve criar condições e estratégias capazes de desenvolver o exercício de reflexão dos alunos, responsabilidade esta dos professores de todas as disciplinas, mas é colocada como especialmente para os professores de Língua Portuguesa que devem realizá-la de maneira mais sistemática que os demais.

No Brasil, a Língua Portuguesa é recheada de variedades linguísticas. O modo de falar de cada indivíduo é alvo de preconceito por muitos que ainda apontam as diferentes maneiras de falar como certa ou errada. De acordo com os PCN (2001, p. 31), “[...] para poder ensinar Língua portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala [...]”. Tais convicções são capazes de desvalorizar as formas de fala dos educandos, classificando-os como incapazes de aprender a separar a oralidade da escrita. A escola tem a função de ensinar ao seu alunado a utilizar adequadamente a fala nas mais variadas situações, desde as simples, as mais formais. O Jovem precisa aprender a selecionar o vocabulário a ser utilizado em diversas circunstâncias, desde que atinjam os objetivos pretendidos.

Segundo os PCN (2001, p. 35): “O ensino de Língua Portuguesa tem sido marcado por uma sequenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos”. Tal afirmação justifica o trabalho dos docentes com os alunos em sala de aula através de textos prontos que não estão inseridos em seu cotidiano, que não existem fora da escola, servindo apenas para ensinar a ler, e não levando em conta o processo de reflexão e desenvolvimento crítico dos discentes.

O ensino de Língua Portuguesa no segundo e terceiro ciclos deve ser planejado de forma organizada para que, no decorrer do ensino fundamental, os alunos sejam capazes de conquistar determinadas competências relacionadas à linguagem. Tais competências foram elencadas pelos PCN (1998) através de alguns objetivos, como veremos no Quadro 1.



Quadro 1 – Objetivos gerais da Língua Portuguesa para o ensino fundamental

- utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso;
- utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, operando sobre as representações construídas em várias áreas do conhecimento: * sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos, reconstruindo o modo pelo qual se organizam em sistemas coerentes; * sendo capaz de operar sobre o conteúdo representacional dos textos, identificando aspectos relevantes, organizando notas, elaborando roteiros, resumos, índices, esquemas etc.; * aumentando e aprofundando seus esquemas cognitivos pela ampliação do léxico e de suas respectivas redes semânticas;
- analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos: * contrapondo sua interpretação da realidade a diferentes opiniões; * inferindo as possíveis intenções do autor marcadas no texto; * identificando referências intertextuais presentes no texto; * percebendo os processos de convencimento utilizados para atuar sobre o interlocutor/leitor; * identificando e repensando juízos de valor tanto socioideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua; * reafirmando sua identidade pessoal e social;
- conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico;
- reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades;
- usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica.

Fonte: PCN (1998, p. 32-33).

Observando o Quadro 1, podemos perceber que o ensino de Língua Portuguesa durante o ensino fundamental é regido por metas que visam o desenvolvimento crítico e social dos alunos, promovendo-lhes a oportunidade de adquirir a possibilidade de resolver problemas do cotidiano, além do acesso aos bens culturais e maior engajamento no mundo letrado. No entanto, o trabalho com a análise linguística, que é a proposta desta pesquisa, dá-se apenas num único e último objetivo. Sobre este ponto, discorreremos no capítulo a seguir.

### 3 A GRAMÁTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

No decorrer do capítulo 3, veremos como surgiram os estudos linguísticos, bem como o autor que iniciou tais estudos, enfatizando seu principal objeto, a língua. Além disso, contemplaremos como se realizam os processos de flexão e derivação do substantivo, tomando por base os estudos realizados por Mattoso (2004).

#### 3.1 SOBRE A ANÁLISE LINGUÍSTICA

Enquanto a gramática normativa dita regras e normas, a linguística, por sua vez, importa-se com a reflexão, com o resultado dos pensamentos, tendo como objeto de estudo a linguagem verbal, oral ou escrita, apenas. Os seres humanos realizam a sua comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal através de signos. A linguística, no entanto, é a ciência que diz respeito aos signos da linguagem verbal (ORLANDI, 2012). Eis porque, de acordo com Orlandi (2012, p. 9), “a linguística definiu-se, com bastante sucesso entre as ciências humanas, como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana”.

De acordo com Silva e Koch (2005), os estudos linguísticos tomavam por base a gramática greco-latina até fins do século XVIII, tal gramática partia de concepções lógicas, buscando compreender os fatos da linguagem e estipular princípios de comportamento linguístico. Devido à rigidez da língua, as descrições gramaticais possuíam características normativas e filosóficas. Estudiosos se oporam à fixidez da língua e, a partir de então, através de um processo dinâmico e coerente, enfatizaram a sua mudança.

Surge assim os estudos da linguística, mais precisamente com início através de *Curso de linguística geral*, ministrado por Ferdinand de Saussure. Os pensamentos do referido autor chegaram até nós por meio de anotações realizadas por seus alunos, fato que dificulta afirmar com certeza qual era o pensamento de Saussure a respeito das características da linguagem humana, ou ainda, de algum fenômeno linguístico (FIORIN, 2013). Na mesma direção ideológica, temos:

Saussure foi quem definiu, pela primeira vez, e com maior clareza, o objeto da linguística “*stricto sensu*”, isto é, a *língua*. Considerando a linguagem como um fenômeno unitário no qual os vários elementos se inter-relacionam, o autor estabeleceu, do ponto de vista metodológico, dicotomias básicas (língua/fala, sincronia/diacronia, sintagma/paradigma) em função das quais

se criaram escolas e teorias mais recentes (SILVA; KOCH, 2005, p. 14, grifo das autoras).

O curso foi capaz de atribuir à linguagem uma ciência autônoma. O seu principal objeto de estudo é a *língua*, conceituada por ele como “um sistema de signos”. O signo é definido como a ligação entre significante e significado, ou seja, a imagem acústica e o conceito. O significante é a imagem que vem a nossa mente quando alguém fala sobre determinada coisa, o significado é o nome que foi convencionado entre os homens que conceitua a imagem pensada (ORLANDI, 2012).

Saussure diferencia língua de fala. Orlandi (2012, p. 22, grifo da autora) diz que: “Para ele, a *língua* é um sistema abstrato, um fato social, geral, virtual; a *fala*, ao contrário, é a realização concreta da língua pelo sujeito falante, sendo circunstancial e variável”. Ele também distingue sincronia de diacronia, pois afirma que a sincronia é “o estado atual do sistema da língua”, já a diacronia trata-se da “sucessão, no tempo, de diferentes estados da língua em evolução”. A fala e a diacronia são excluídas do ramo da linguística por Saussure.

Sintagma e paradigma, por sua vez, são diferenciados de modo que as relações sintagmáticas acontecem dentro do enunciado, e ocorrem de maneira linear e temporal da linguagem humana. Já as relações paradigmáticas são aquelas capazes de ocorrer no mesmo contexto, porém não de forma simultânea (SILVA; KOCH, 2005).

Foi através de Saussure que os estudos de Mattoso (2004) sobre a flexão e a derivação do substantivo se desenvolveram, não indicando o que é “certo” e o que é “errado”, mas convidando os estudiosos para refletirem sobre tais processos. Assim, a escola precisava seguir essa reflexão, o que, até hoje, nem sempre acontece. A análise linguística precisa possibilitar ao estudante a reflexão de uso da língua, fato que nos direciona aos critérios mattosianos de flexão e derivação do substantivo, a saber, regularidade/irregularidade, concordância/não concordância, não opcionalidade/opcionalidade.

Levar o aluno a compreender que a derivação possibilita a riqueza da língua, uma vez que motiva a criação de palavras, a exemplo de quando uma criança diz “escrevedor” que, embora não dicionarizado, é um processo de derivação com licença para ser enunciado. Há uma explicação para essa enunciação. O enunciador segue um paradigma: se há um navegador, por que não há um escrevedor? São reflexões necessárias em sala de aula.

Nessa direção, de acordo com os PCN, o ensino da análise linguística deve estar contextualizado, de modo a ultrapassar o tratamento somente dado aos aspectos ortográficos e

sintáticos. Trata-se de refletir a língua em uso, como o caso de considerar as enunciações possíveis, especialmente de quem está em sala de aula.

Os PCN (1998, p. 55) priorizam o contexto como forma de ultrapassar essas barreiras tradicionais que só sistematiza o conhecimento, mas não o contextualiza dentro de uma dada realidade. Assim, acentua que o estudo do texto contribui para o ensino e aprendizagem de uma língua, dando a oportunidade de se trabalhar com as diversas variedades da língua:

Os textos são a concretização dos discursos proferidos nas mais variadas situações cotidianas. O ensino e a aprendizagem de uma língua não podem abrir mão dos textos, pois estes, ao revelarem usos da língua e levarem a reflexões, contribuem para a criação de competências e habilidades específicas. Entre elas: reconhecer, produzir, compreender e avaliar a sua produção textual e a alheia; interferir em determinadas produções textuais (por exemplo, em sua própria ou na de colegas), de acordo com certas intenções; incluir determinado texto em uma tipologia com base na percepção dos estatutos sobre os quais foi construído e que o estudante aprendeu a reconhecer (saber que se trata de um poema, de uma crônica, de um conto).

Em conformidade com os PCN, a BNCC, também entende a linguagem no geral como “uma forma de ação e interação no mundo”. Em relação ao objeto, isto é, à forma de se trabalhar na sala de aula com a linguagem, a BNCC considera que “trata-se de elevar as práticas de linguagem à posição de objeto e ao mesmo tempo de forma pela qual a aprendizagem de recursos expressivos a serem mobilizados se dará” (GERALDI, 2015, p. 384-385).

Podemos entender essas considerações como um avanço enorme que já vinha sendo apontado pelos PCN, isto é, ao invés de se colocar como forma única a descrição de uma variedade qualquer da língua, sugere-se caminhos que levem as práticas linguísticas enquanto forma mais efetiva para aprender a mobilizar recursos expressivos na produção, compreensão, e na própria reflexão sobre o texto. Fala-se, nesse sentido do USO-REFLEXÃO-USO, uma dinâmica referencial que orienta toda a proposta curricular de língua portuguesa abaixo citada:

A abordagem de categorias gramaticais (fonéticas/fonológicas, morfológicas, sintáticas, morfossintáticas) e de convenções da escrita (concordância, regência, ortografia, pontuação, acentuação etc.) deve vir a serviço da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita, e não o contrário. Dessa forma, os aspectos linguísticos abordados em atividades de leitura, escrita e oralidade podem ampliar os conhecimentos dos/as estudantes em relação a variedades que eles/ as não dominam ainda, sem desqualificar as variedades de origem. Conforme o avanço na escolaridade, é

esperado um aumento gradativo do nível de sistematização e de utilização de categorias gramaticais, sempre na perspectiva do USO-REFLEXÃO-USO, e não, vale repetir, da acumulação de um rol de conteúdos desconectados das práticas sociodiscursivas da linguagem (BRASIL, 2015, p. 41).

Assim, podemos inferir que o ensino de Língua Portuguesa vem sendo repensado dentro das considerações da linguística, de modo a buscar contemplar não mais apenas o uso da língua que obedece às regras da gramática; procura também não mais ficar totalmente distante das teorias linguísticas. Pois como os linguistas defendem, a língua é um sistema de signos e regras, mas são regras internas ao ser humano, diferente das regras gramaticais.

A seguir veremos como ocorre os processos de flexão e derivação do substantivo tomando por base os critérios adotados por Mattoso (2004).

### 3.2 FLEXÃO E DERIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO

No contexto da morfologia da língua portuguesa, o estruturalismo no Brasil foi instaurado por Câmara Jr. (1960), introduzindo a partir de então um novo paradigma linguístico, pois devido a sua insatisfação com a divisão dos vocábulos formais realizada pela Gramática Normativa, achou por bem redefini-las em apenas quatro classes fundamentais, nome, pronome, verbo e conectivos, baseando-se em alguns critérios que são trabalhados de forma indissociáveis em seu novo modelo de classificação (MATTOSO, 2004).

São três os critérios utilizados por Mattoso (2004), nesse novo processo de divisão, o *mórfico*, o *semântico* e o *sintático*. O primeiro é o critério que analisa a estrutura das palavras, isto é, estuda as formas gramaticais de uma palavra. O segundo estuda as palavras quanto aos seus significados, mediante o mundo biossocial. E o último, por sua vez, é o critério que analisa a função das palavras dentro de um sintagma ou oração, ou seja, o papel que elas desempenham.

A Gramática Normativa, por sua vez, agrupa as palavras em dez classes. Bechara (1928) elenca: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. A NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) subdividiu os vocábulos em variáveis e invariáveis. As variáveis são aquelas que estão sujeitas a mudanças, como é o caso dos substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, numerais e artigos. Já as consideradas invariáveis são imutáveis, não sendo capazes de sofrer alterações, temos como exemplo os advérbios, preposições, conjunções e interjeições (MARGOTTI, 2008).

Algumas desarmonias encontradas foram motivo de críticas por parte de alguns autores. Uma delas foi que se deveria utilizar à nomenclatura *classificação de vocábulos*, devido ao fato de não se tratar somente da classificação de formas livres, ou seja, formas que sozinhas constituem um enunciado capaz de promover a comunicação. Isso porque se encontram inclusos nesse processo tanto as palavras, que é a ocorrência de significado, como os vocábulos que são os elementos dotados ou não de significação (MARGOTTI, 2008).

Na classificação das palavras, a Gramática Normativa, também conhecida como Tradicional, define o substantivo como “[...] a palavra que designa os seres em geral” (MARGOTTI, 2008, p. 140). Podemos observar que essa definição foi realizada com base no critério semântico. No entanto, não é só isso, há nomes que não se referem a seres e podem ser substantivados como é o caso de risos, choro etc. (MARGOTTI, 2008).

Dentre os processos morfológicos da Língua Portuguesa, a flexão e a derivação são temas frequentemente debatidos por pesquisadores e alunos da academia, uma vez que ainda há dúvidas quanto à classificação das categorias de gênero, número e grau como métodos derivacionais ou flexionais.

Mattoso (2004) afirma que a *flexão* é um termo utilizado para indicar que um vocábulo pode se “dobrar” em vários outros. Já a *derivação* serve para indicar o processo de criação de novas palavras a partir de uma já existente na língua. A obra *Estrutura da Língua Portuguesa* de Mattoso foi extremamente importante para os estudos morfológicos no Brasil, sendo referência até os dias atuais.

Mattoso (2004) utiliza-se de alguns princípios para distinguir os processos de flexão e derivação: regularidade/irregularidade, concordância/não concordância, não opcionalidade/opcionalidade. Os princípios de flexão são regularidade, concordância e não opcionalidade, já os da derivação são irregularidade, não concordância e opcionalidade. O próprio nome já explica por si só o que vem a ser cada um, mas veremos mais detalhadamente adiante. A classe gramatical denominada pela gramática normativa como substantivo, insere-se no grupo dos *nomes* classificados por Mattoso. Nessa perspectiva podemos afirmar que,

Os nomes são vocábulos suscetíveis das flexões de gênero e número. O gênero, que condiciona uma oposição entre forma masculina e forma feminina, tem como flexão básica um sufixo flexional, ou desinência –a para marca do feminino. A flexão de número, que cria o contraste entre forma singular e forma plural, decorre da presença, no plural, de um sufixo flexional ou desinência /S/, com que a última sílaba do nome passa a terminar (MATTOSO, 2004, p. 84).

As gramáticas tradicionais ainda costumam tratar o gênero do substantivo relacionando-o ao sexo dos seres. Mattoso (2004) expõe duas importantes considerações contra este pensamento. O autor afirma que a classificação do gênero vai além de sua relação com o sexo, tendo em vista que todos os seres, inanimados ou não, possuem um gênero inerente. Além do mais, mesmo em seres animados existem divergências entre sexo e gênero, como ocorre com os substantivos comum de dois gêneros e epicenos.

Mattoso (2004) ainda explica que o gênero dos nomes é na verdade uma distribuição em classes mórficas. O autor aponta como incoerente e confuso o fato de a flexão do gênero não ser distinta dos processos de indicação do sexo. Nas gramáticas sempre são trabalhadas que o feminino surge a partir do masculino, quando na verdade deveriam ser classificadas apenas como do gênero feminino, assim como ocorre com o oposto. Isso também vale para os substantivos epicenos, tendo em vista que o gênero não muda com o fato da indicação do sexo. De outro modo, a flexão de número é mais simples. Sabemos que a representação do plural é caracterizada pelo seu morfema privativo /S/, servindo para diferenciar a existência de um ou mais indivíduos, e que sua utilização irá concordar com o ser determinado (MATTOSO, 2004).

No que diz respeito à variação do gênero do substantivo, as gramáticas tradicionais apontam como flexão. Agora vamos pensar: se, ao acrescentar o sufixo derivacional à base do vocábulo **gato**, tem-se não só uma nova palavra como também um novo significado bem diferente do anterior. Desta forma, não teríamos uma derivação em vez de flexão?

O processo de *flexão* é possuidor de um sistema, de uma regularidade exigida pela própria organização da fala do indivíduo, como afirma Mattoso (2004): “É a natureza da frase que nos faz adotar um substantivo no plural ou um verbo na 1ª pessoa do pretérito imperfeito. Os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação”. Outra característica da *flexão* é a *concordância*, o substantivo deve concordar em gênero e número com os demais elementos da frase, para que haja nela um sentido completo. Há ainda o princípio da *não opcionalidade*, ou seja, os morfemas flexionais são exigidos de acordo com a natureza da frase, não podendo o falante optar em usá-los ou não (MATTOSO, 2004).

No que diz respeito às regras exigidas pelo processo de flexão, podemos dizer que é um processo sistemático, fechado, obrigatório, e de congruência, como podemos perceber no seguinte exemplo: Moça bonita – moças bonitas. A flexão requer que todos os componentes

da frase se articulem entre si, gerando uma concordância. De acordo com a natureza da frase determinamos como as palavras serão utilizadas de modo a concordar umas com as outras.

Diferentemente da flexão, o processo de derivação é assistemático, pois as palavras não obedecem a uma regra para que ocorra o referido processo, podendo existir para um determinado vocábulo e não existir para semelhante. O autor utiliza a palavra *cantar* para exemplificar tal posição, pois vemos que a derivação de *cantar* é *cantarolar*, porém não há derivação para vocábulos semelhantes como *gritar* e *falar*, isso faz com que o processo de derivação dos nomes ocorra de maneira irregular, ou seja, sem uma regra específica. Os morfemas derivacionais não precisam, necessariamente, concordar com os demais elementos da frase, seguindo o princípio da *não concordância*. E ainda há o critério da *opcionalidade* para a derivação, quando o falante pode escolher se é necessária à sua utilização (MATTOSO, 2004).

Diante do exposto, cabe nos questionar: por que é a derivação um processo aberto? Porque existe a possibilidade, a partir de um vocábulo, do surgimento de novos vocábulos, fato que enriquece a língua.

Após apresentarmos breves pontos sobre a análise linguística, preconizando o que defende a BNCC em conformidade com os PCN, e como ocorrem os processos de flexão e derivação de acordo com os critérios definidos por Mattoso (2004), no próximo tópico iremos proceder a análise proposta.



## 4 A ANÁLISE: O SUBSTANTIVO NO LIVRO DIDÁTICO

Este capítulo apresenta a análise empreendida do *corpus* selecionado. Está composta de duas partes: a primeira apresenta informações detalhadas sobre o LD, caracterizando-o e enfatizando a presença do substantivo; a segunda apresenta o trabalho com o substantivo no LD, a partir dos critérios de flexão e derivação definidos por Mattoso (2004).

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS* E PRESENÇA DO SUBSTANTIVO NO LD

A primeira etapa desta análise visa contemplar o primeiro objetivo específico elaborado para esta pesquisa, que é verificar se o LD trabalha com os processos de flexão e derivação do substantivo. Diante disso, partimos do seguinte critério de análise: o LD trabalha com flexão e derivação do substantivo? E do segundo critério norteador: O LD trabalha com regularidade/irregularidade, concordância/não concordância, não opcionalidade/opcionalidade da flexão e derivação do substantivo de forma *completa*, *incompleta* ou, ainda, *não trabalha*?

O volume destinado aos alunos do 6º ano do ensino fundamental é composto por 272 páginas e estruturado em quatro unidades: *No mundo da fantasia*; *Crianças*; *Descobrimo quem sou eu*; *Verde, adoro ver-te*. Cada unidade é composta por quatro capítulos, conforme podemos acompanhar no Quadro 2.

Quadro 2 - Unidades, Capítulos e Seções que compõem o LD

UNIDADES	CAPITULOS	NÚMERO DE SEÇÕES	SEÇÕES
<b>No mundo da fantasia</b>			
Unidade 1	Capítulo 1	6	<b>As três pernas, Jacob Grimm</b>
			Estudo do texto
			Produção de texto
			A língua em foco
			De olho na escrita
	Divirta-se		
	Capítulo 2	5	<b>O patinho bonito, Marcelo Coelho</b>
			Estudo do texto
			Produção de texto
			A língua em foco
	Divirta-se		
	Capítulo 3	6	<b>Cartum, Mordillo</b>
			Produção de texto
<b>Para escrever com expressividade</b>			
A língua em foco			
Divirta-se			
Passando a limpo			
Capítulo 4	1	Intervalo	

<b>Crianças</b>			
<b>Unidade 2</b>	<b>Capítulo 1</b>	5	<b>Menino de cidade, Paulo Mendes campos</b>
			Estudo do texto
			Produção de texto
			A língua em foco
	<b>Capítulo 2</b>	7	<b>Divirta-se</b>
			<b>A mala de Hana, Karen Levine</b>
			Estudo do texto
			Produção do texto
			Para escrever com adequação
	<b>Capítulo 3</b>	6	A língua em foco
			De olho na escrita
			Divirta-se
			Passando a limpo
<b>Capítulo 4</b>	1	Intervalo	
<b>Descobrimo quem sou eu</b>			
<b>Unidade 3</b>	<b>Capítulo 1</b>	5	<b>Banhos de mar, Clarice Lispector</b>
			Estudo do texto
			Produção de texto
			A língua em foco
	<b>Capítulo 2</b>	7	Divirta-se
			<b>Eu sou Malala, Malala Tousafzai</b>
			Estudo do texto
			Produção de texto
			Para escrever com expressividade
	<b>Capítulo 3</b>	6	A língua em foco
			De olho na escrita
			Divirta-se
			Passando a limpo
<b>Capítulo 4</b>	1	Intervalo	
<b>Verde, adoro ver-te</b>			
<b>Unidade 4</b>	<b>Capítulo 1</b>	6	<b>Tuim criado no dedo, Rubem Braga</b>
			Estudo do texto
			Produção de texto
			A língua em foco
	<b>Capítulo 2</b>	6	De olho na escrita
			Divirta-se
			<b>A longa lista dos condenados, revista veja/ Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil, revista Época</b>
			Estudo dos textos
			Produção de texto
			Para escrever com coerência e coesão
A língua em foco			
Divirta-se			
		<b>Cartum, Márcio Costa</b>	
		Produção de texto	
		A língua em foco	

	<b>Capítulo 3</b>	6	<b>De olho na escrita</b>
			<b>Divirta-se</b>
			<b>Passando a limpo</b>
	<b>Capítulo 4</b>	1	<b>Intervalo</b>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

Para um melhor detalhamento das quatro unidades que integram o LD, bem como dos conteúdos propostos em cada um dos capítulos e seções, podemos visualizar o quadro abaixo, em que a estrutura do livro está sintetizada. Vejamos, no Quadro 3.

Quadro 3 - Estrutura do LD

UNIDADES	CAPÍTULOS	SEÇÕES DOS CAPÍTULOS
<b>Unidade 1: No mundo da fantasia</b>	<b>Capítulo 1: Era uma vez</b>	<p><b>As três penas, Jacob Grimm.</b>  <b>Estudo do texto.</b>            ✓ Compreensão e interpretação.            ✓ A linguagem do texto.            ✓ Cruzando linguagens.            ✓ Trocando ideias.</p> <p><b>Produção de texto.</b>            ✓ O conto maravilhoso.</p> <p><b>A língua em foco.</b>            ✓ Linguagem: Ação e interação.            ✓ Linguagem verbal e linguagem não verbal.            ✓ Os interlocutores.            ✓ A língua.            ✓ A linguagem e os códigos.            ✓ O código linguístico na construção do texto.            ✓ Semântica e discurso.</p> <p><b>De olho na escrita.</b>            ✓ Fonema e letra.</p> <p><b>Divirta-se.</b></p>
	<b>Capítulo 2: Pato aqui, pato acolá</b>	<p><b>O patinho bonito, Marcelo Coelho.</b>  <b>Estudo do texto.</b>            ✓ Compreensão e interpretação.            ✓ A linguagem no texto.            ✓ Leitura expressiva no texto.            ✓ Trocando ideias.            ✓ Ler é um prazer.</p> <p><b>Produção de texto.</b>  <b>A língua em foco.</b>            ✓ As variedades linguísticas.            ✓ Norma-padrão e variedades de prestígio.            ✓ Variação linguística e preconceito social.            ✓ Falar bem é falar adequadamente.            ✓ Tipos de variações linguísticas.            ✓ As variedades linguísticas na construção do texto.            ✓ Semântica e discurso.</p> <p><b>Divirta-se.</b></p>
		<p><b>Cartum, Mordillo.</b>  <b>Produção de texto.</b>            ✓ O conto maravilhoso: do oral para o escrito e do escrito para o oral.            ✓ Do oral para o escrito.            ✓ Do escrito para o oral.</p>

	<p><b>Capítulo 3: Ó princesa! Jogue-me suas...</b></p>	<p><b>Para escrever com expressividade.</b>  ✓ O dicionário: palavras no contexto.  <b>A língua em foco.</b>  ✓ Texto, discurso, gêneros do discurso.  ✓ A intencionalidade discursiva.  ✓ Os textos e os gêneros do discurso.  ✓ A intencionalidade discursiva na construção do texto.  ✓ Semântica e discurso.  <b>Divirta-se.</b>  <b>Passando a limpo.</b></p>
<p><b>Unidade 2: Crianças</b></p>	<p><b>Capítulo 4</b></p>	<p><b>Projeto: histórias de hoje e sempre</b></p>
	<p><b>Capítulo 1: O fazendeiro da cidade</b></p>	<p><b>Menino de cidade, Paulo Mendes Campos.</b>  <b>Estudo do texto.</b>  ✓ Compreensão e interpretação.  ✓ A linguagem do texto.  ✓ Leitura expressiva do texto.  ✓ Cruzando linguagens.  ✓ Trocando ideias.  ✓ Ler é reflexão.  <b>Produção de texto.</b>  ✓ Histórias em quadrinhos (I).  <b>A língua em foco.</b>  ✓ O substantivo.  ✓ Classificação dos substantivos.  ✓ O substantivo na construção do texto.  ✓ Semântica e discurso.  <b>Divirta-se.</b></p>
	<p><b>Capítulo 2: Entre irmãos</b></p>	<p><b>A mala de Hana, Karen Levine.</b>  <b>Estudo do texto.</b>  ✓ Compreensão e interpretação.  ✓ A linguagem do texto.  ✓ Leitura expressiva do texto.  ✓ Trocando ideias.  <b>Produção de texto.</b>  ✓ História em quadrinhos (II).  ✓ A linguagem dos quadrinhos.  <b>Para escrever com adequação.</b>  ✓ O diálogo.  <b>A língua em foco.</b>  ✓ O adjetivo.  ✓ Classificação dos adjetivos.  ✓ O adjetivo na construção do texto.  ✓ Semântica e discurso.  <b>De olho na escrita.</b>  ✓ Dígrafo e encontro consonantal.  <b>Divirta-se.</b></p>
	<p><b>Capítulo 3: Ensaios de vida</b></p>	<p><b>Cabra-cega, Giovanni Battista Torriglia.</b>  <b>Produção de texto.</b>  ✓ História em quadrinhos (III).  ✓ Como se faz uma história em quadrinhos.  <b>A língua em foco.</b>  ✓ Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número.  ✓ Flexão dos substantivos.  ✓ Flexão dos adjetivos.  ✓ A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto.  ✓ Semântica e discurso.  <b>De olho na escrita.</b></p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Encontros vocálicos.</li> </ul> <p><b>Divirta-se.</b> <b>Passando a limpo.</b></p>
	<b>Capítulo 4</b>	<p><b>Projeto: Quadrinhos: eu também faço!</b></p> <p><b>Banhos de mar, Clarice Lispector.</b> <b>Estudo do texto.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Compreensão e interpretação.</li> <li>✓ A linguagem do texto.</li> <li>✓ Leitura expressiva do texto.</li> <li>✓ Trocando ideias.</li> <li>✓ Ler é diversão.</li> </ul> <p><b>Produção de texto.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O relato pessoal.</li> </ul> <p><b>A língua em foco.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O grau dos substantivos e dos adjetivos.</li> <li>✓ Grau dos substantivos.</li> <li>✓ Grau dos adjetivos.</li> <li>✓ O grau na construção do texto.</li> <li>✓ Semântica e discurso.</li> </ul> <p><b>Divirta-se.</b></p>
<b>Unidade 3: Descobrimo quem sou eu</b>	<b>Capítulo 1: No frescor da inocência</b>	<p><b>Eu sou Malala, Malala Yousafzai.</b> <b>Estudo do texto.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Compreensão e interpretação.</li> <li>✓ A linguagem no texto.</li> <li>✓ Cruzando linguagens.</li> <li>✓ Trocando ideias.</li> </ul> <p><b>Produção do texto.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A carta pessoal.</li> <li>✓ O diário.</li> </ul> <p><b>Para escrever com expressividade.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A descrição.</li> </ul> <p><b>A língua em foco.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O artigo.</li> <li>✓ Flexão e classificação dos artigos.</li> <li>✓ O artigo na construção do texto.</li> <li>✓ Semântica e discurso.</li> </ul> <p><b>De olho na escrita.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Divisão silábica.</li> </ul> <p><b>Divirta-se.</b></p>
	<b>Capítulo 2: O preço de pensar diferente</b>	<p><b>Vestido de festa, Norman Rockwell.</b> <b>Produção de texto</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os gêneros digitais: <i>e-mail</i>, <i>blog</i>, <i>twitter</i>, comentário.</li> <li>✓ O <i>e-mail</i>.</li> <li>✓ O <i>blog</i>.</li> <li>✓ O <i>twitter</i>.</li> <li>✓ O comentário.</li> </ul> <p><b>A língua em foco.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O numeral.</li> <li>✓ Classificação dos numerais.</li> <li>✓ Flexão dos numerais.</li> <li>✓ O numeral na construção do texto.</li> <li>✓ Semântica e discurso.</li> </ul> <p><b>De olho na escrita.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Sílabas tônicas e sílabas átonas.</li> <li>✓ Palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.</li> </ul> <p><b>Divirta-se.</b> <b>Passando a limpo.</b></p>
	<b>Capítulo 3: O eu que existe em mim</b>	<p><b>Projeto: Eu também faço história</b></p>
	<b>Capítulo 4</b>	

<b>Unidade 4: Verde, adoro ver-te</b>	<b>Capítulo 1: Asas da liberdade?</b>	<p><b>Tuim criado no dedo, Rubem Braga</b> <b>Estudo do texto.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Compreensão e interpretação.</li> <li>✓ A linguagem do texto.</li> <li>✓ Trocando ideias.</li> </ul> <p><b>Produção de texto.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O artigo de opinião.</li> </ul> <p><b>A língua em foco.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O pronome.</li> <li>✓ Os pronomes e a coesão textual.</li> <li>✓ Classificação dos pronomes.</li> <li>✓ O pronome na construção do texto.</li> <li>✓ Semântica e discurso.</li> </ul> <p><b>De olho na escrita.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Acentuação (I).</li> <li>✓ Acentuação das oxítonas e dos monossílabos tônicos.</li> <li>✓ Acentuação das proparoxítonas.</li> </ul> <p><b>Divirta-se.</b></p>
	<b>Capítulo 2: A natureza pede socorro</b>	<p>- <b>A longa lista dos condenados, revista Veja.</b> - <b>Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil, revista Época.</b> <b>Estudo dos textos.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Compreensão e interpretação.</li> <li>✓ A linguagem dos textos.</li> <li>✓ Cruzando linguagens.</li> <li>✓ Trocando ideias.</li> </ul> <p><b>Produção do texto.</b> <b>Para escrever com coerência e coesão.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A coerência e a coesão textuais.</li> <li>✓ A coerência textual.</li> <li>✓ A coesão textual.</li> </ul> <p><b>A língua em foco.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O verbo (I).</li> <li>✓ Conjugações.</li> <li>✓ Flexão dos verbos.</li> <li>✓ O verbo na construção do texto.</li> <li>✓ Semântica e discurso.</li> </ul> <p><b>Divirta-se.</b></p>
	<b>Capítulo 3: Natureza no museu</b>	<p><b>Cartum, Márcio Costa.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ler é reflexão.</li> </ul> <p><b>Produção de texto.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A exposição oral e o cartaz.</li> <li>✓ A exposição oral.</li> <li>✓ O cartaz.</li> </ul> <p><b>A língua em foco.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O verbo (II).</li> <li>✓ Os tempos verbais.</li> <li>✓ Modelos de conjugação verbal.</li> <li>✓ Semântica e discurso.</li> </ul> <p><b>De olho na escrita.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Acentuação (II).</li> </ul> <p><b>Divirta-se.</b> <b>Passando a limpo.</b></p>
	<b>Capítulo 4</b>	<b>Projeto: Se é meio ambiente, estou no meio.</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>		
<b>MANUAL DO PROFESSOR – ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS</b>		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

De acordo com o quadro acima, podemos perceber que o LD aborda conteúdos referentes à classe gramatical estudada, o substantivo. Constatamos ainda, a sua presença no capítulo I e III da unidade II, e no capítulo I da unidade III.

Na apresentação do livro, os autores iniciam com uma mensagem destinada aos estudantes que irão utilizá-lo. A partir disso, eles dialogam com os alunos de modo que os deixem motivados para utilizarem o material, enfatizando que o LD foi escrito para os alunos dos mais variados gostos como podemos ver em “Para você que é curioso [...]”, “[...] que gosta de trabalhar [...]”, “[...] que, [é] dinâmico e criativo [...]”, entre outros (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 3).

Podemos perceber que as unidades e capítulos do manual seguem uma estrutura. Cada capítulo do LD é iniciado com um texto verbal ou não verbal, de modo com que seja estimulada a leitura, compreensão, interpretação e produção. Em seguida, há a apresentação dos conteúdos relacionados à língua e à escrita, e ainda, a seção “Divirta-se”, abordando temas capazes de atrair a atenção dos discentes. Em seguida, finalizando cada unidade, no último capítulo há a sugestão da realização de um projeto trazendo passo a passo a sua forma de realização.

Em relação aos textos, não detectamos exploração do saber dos alunos antes de abordar a temática, não fornecendo também estratégias de leitura, e espaço para questões abertas ao contexto do alunado. Os discentes não são estimulados, através do LD, a refletir e desenvolver o senso crítico, cabendo ao professor exercitar tal papel.

No que diz respeito ao manual do professor apresentado no LD em questão, são abordados temas e orientações didáticas referentes à leitura, produção e diversidade dos gêneros textuais. Percebem-se também orientações voltadas à realização de projetos, e ainda questões sobre os gêneros orais. O manual traz abordagens relacionadas ao ensino da gramática da língua. Para Cereja e Magalhães (2015, p. 287, grifo dos autores):

O conceito de *gramática no texto* vigente nas escolas hoje é diferente daquilo que a linguística textual toma por objeto. Essa expressão geralmente é sinônima de *ensino contextualizado* de gramática, compreendendo-se contexto como um texto em que se verificam determinados usos da língua.

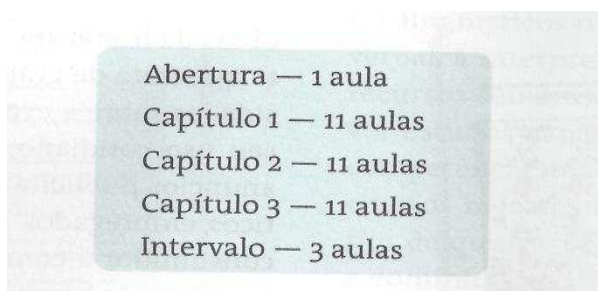
Nesse contexto, os textos presentes nas atividades servem de base apenas para que a gramática seja estudada, ou seja, é apenas um pretexto para tal, não levando em consideração a sua leitura e a interpretação. Costumam-se trabalhar em sala de aula os assuntos de maneira isolada, em vez de utilizarem de forma conjunta nos mais variados aspectos.

No quesito *avaliação*, o LD relata algumas formas de como avaliar os educandos em diferentes pontos. Referindo-se à gramática, Cereja e Magalhães (2015, p. 295) afirmam que “o objetivo do ensino [...] é ampliar o domínio da língua escrita e oral nas mais diferentes situações sociais.” Sendo assim, os conteúdos são selecionados de maneira que as diversas variedades linguísticas e suas adequações sejam percebidas pelos estudantes. A coleção aborda conceitos básicos e tradicionais da gramática normativa, dentre eles, o substantivo, por uma concepção diferente, centrada no texto e no discurso, levando em conta estudos recentes da linguística e da Análise do discurso (CEREJA; MAGALHÃES, 2015).

A estrutura e metodologia da obra é exposta de maneira mais detalhada no manual do professor, as 4 unidades, como vimos no Quadro 3, são compostas por 4 capítulos. O último, denominado *Intervalo* é diferenciado dos demais, apresentando um projeto que envolve toda a turma. Dos três capítulos que iniciam as unidades, dois começam com textos verbais e encontram-se organizados em seções. As seções são detalhadas no manual, exemplificando suas pretensões e objetivos de ensino (CEREJA; MAGALHÃES, 2015).

No manual do professor, os autores sugerem um cronograma do número de aulas distribuído para cada capítulo. Para tanto, como exemplo, trazem um quadro que segundo eles podem ser um modelo para auxiliar na distribuição dos conteúdos em sala de aula. Para um melhor detalhamento, podemos visualizar o quadro mencionado logo abaixo.

Quadro 4 - Cronograma de distribuição de aulas



Abertura	— 1 aula
Capítulo 1	— 11 aulas
Capítulo 2	— 11 aulas
Capítulo 3	— 11 aulas
Intervalo	— 3 aulas

Fonte: Manual do Professor (2015, p. 306).

O plano de curso de cada unidade é apresentado no manual do professor, trazendo os objetivos específicos e os conteúdos capazes de nortear o trabalho dos educadores. No que diz respeito ao trabalho com os substantivos, o plano de curso da Unidade 2 aborda os seguintes conteúdos: O substantivo; classificação dos substantivos; flexão dos substantivos; o gênero dos substantivos; e número dos substantivos. Tendo como objetivos específicos:



Conceituar substantivo [...]; Identificar e classificar substantivos [...]; Verificar, por meio de questões propostas, a função semântico estilística do substantivo [...]; Observar e empregar certos aspectos da língua de uso relacionados aos substantivos [...]; Observar e empregar aspectos semânticos discursivos relacionados aos substantivos [...] em situações concretas de interação verbal (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 308).

O plano de curso da Unidade 3 também contempla o substantivo, com os seguintes conteúdos: O grau dos substantivos e dos adjetivos; e grau dos substantivos, propondo os seguintes objetivos específicos: “Verificar, por meio das questões propostas, a função semântico-estilística da flexão do grau dos substantivos [...]; e Observar e empregar aspectos semânticos discursivos relacionados ao grau dos substantivos [...]” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 309).

Após os planos de curso, o manual relata sugestões e estratégias que podem ser utilizadas pelos professores no processo de ensino-aprendizagem, detalhando passo a passo o roteiro de como as aulas podem ser desenvolvidas, bem como algumas atividades de leitura extraclasse.

Conhecida a estrutura do LD, podemos identificar a maneira como ocorre a divisão dos conteúdos propostos para a série, bem como algumas orientações dadas pelos autores para sua abordagem. No que diz respeito à classe gramatical estudada, o substantivo, verificamos que o mesmo é trabalhado no LD, apresentando seu conceito e suas subdivisões de acordo com a gramática normativa, bem como seus processos flexionais e derivacionais. Veremos no próximo tópico como funciona o seu estudo e o tratamento atribuído aos substantivos, mais precisamente no que diz respeito à flexão e derivação dos nomes.

Sendo assim, iremos observar o LD por completo. De primeira mão, a análise ocorre a partir da contagem das atividades presentes em cada seção e em quantas delas encontramos o substantivo.

Tabela 1 - Distribuição das atividades no LD

UNIDADES	CAPITULOS	NÚMERO DE SEÇÕES	SEÇÕES	NÚMERO DE ATIVIDADES POR SEÇÃO	ATIVIDADES POR SEÇÃO, QUE TRABALHAM O SUBSTANTIVO
	Capítulo 1	6	Texto	0	0
			Estudo do texto	4	0
			Produção de texto	4	0
			A língua em foco	5	0
			De olho na escrita	2	0
			Divirta-se	0	0

Unidade 1	Capítulo 2	5	Texto	0	0
			Estudo do texto	3	0
			Produção de texto	3	0
			A língua em foco	5	0
			Divirta-se	0	0
	Capítulo 3	6	Texto	1	0
			Produção de texto	3	0
			Para escrever com expressividade	2	0
			A língua em foco	4	0
			Divirta-se	0	0
Capítulo 4	1	Passando a limpo	1	0	
		Projeto: Histórias de hoje e sempre	0	0	
Unidade 2	Capítulo 1	5	Texto	0	0
			Estudo do texto	4	0
			Produção de texto	4	0
			A língua em foco	5	5
			Divirta-se	0	0
	Capítulo 2	7	Texto	0	0
			Estudo do texto	3	0
			Produção de texto	4	0
			Para escrever com adequação	1	0
			A língua em foco	5	1
			De olho na escrita	1	0
			Divirta-se	1	1
	Capítulo 3	5	Texto	1	0
			Produção de texto	3	0
			A língua em foco	5	5
			De olho na escrita	1	0
			Divirta-se	0	0
Passando a limpo			1	1	
Capítulo 4	1	Projeto: Quadrinhos: eu também faço!	0	0	
Unidade 3	Capítulo 1	5	Texto	0	0
			Estudo do texto	4	0
			Produção de texto	2	0
			A língua em foco	5	3
			Divirta-se	0	0
	Capítulo 2	7	Texto	0	0
			Estudo do texto	4	0
			Produção de texto	4	0
			Para escrever com expressividade	2	0
			A língua em foco	4	3
			De olho na escrita	2	0
			Divirta-se	0	0
	Capítulo 3	5	Texto	1	0
			Produção de texto	4	0
			A língua em foco	4	1
			De olho na escrita	2	0
			Divirta-se	0	0
	Capítulo 4	1	Passando a limpo	1	0
			Projeto: Eu também faço	0	0

			história		
Unidade 4	Capítulo 1	6	Texto	0	0
			Estudo do texto	3	1
			Produção de texto	3	0
			A língua em foco	8	2
			De olho na escrita	2	0
			Divirta-se	1	0
	Capítulo 2	6	Textos	0	0
			Estudo dos textos	4	1
			Produção de texto	1	0
			Para escrever com coerência e coesão	3	0
			A língua em foco	6	0
			Divirta-se	1	0
	Capítulo 3	5	Texto	1	0
			Produção de texto	3	0
			A língua em foco	3	0
			De olho na escrita	2	0
			Divirta-se	1	0
			Passando a limpo	1	0
	Capítulo 4	1	Projeto: Se é meio ambiente, estou no meio	0	0
<b>TOTAL</b>				<b>158</b>	<b>24</b>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

Com base na Tabela 1, podemos observar que das 158 atividades que compõem o LD, 24 delas enfatizam o substantivo. Entre essas atividades estão incluídas tanto as que abordam a *regularidade/irregularidade*, *concordância/não concordância*, *não opcionalidade/opcionalidade* da flexão e derivação do substantivo de forma *completa*, *incompleta* ou, *ainda, não trabalha*.

Ao analisarmos os processos de flexão e derivação do substantivo foram examinadas as atividades presentes no LD, e para apresentação dos dados alcançados utilizamos a tabela a seguir:

Tabela 2 - Distribuição das atividades com processos de flexão ou derivação do substantivo

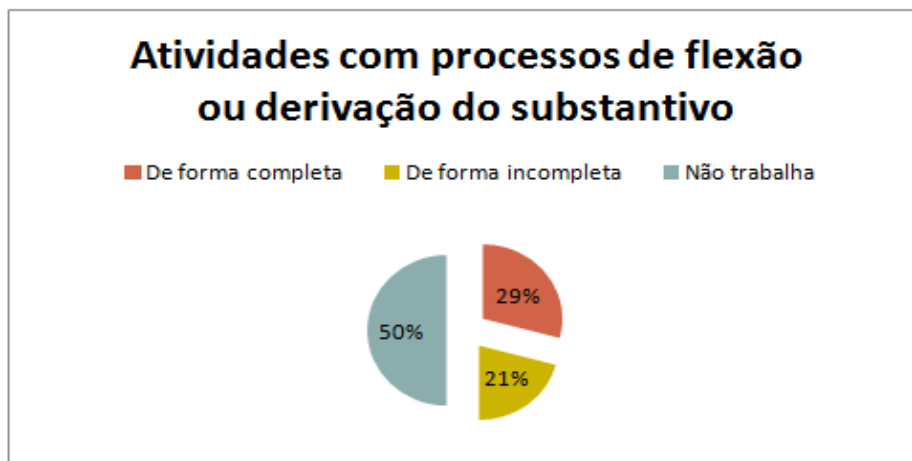
ATIVIDADES QUE TRABALHAM A FLEXÃO OU DERIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO	QUANTIDADE
De forma completa	07
De forma incompleta	05
Não trabalham	12
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Observando a Tabela 2, que destaca a distribuição das atividades presentes no LD, podemos perceber que dentro da quantidade de exercícios que abordam o substantivo 07 delas trabalham com os critérios de flexão ou derivação *de forma completa*, 05 trabalham *de forma incompleta*, e 12 *não trabalham* os processos de flexão e derivação do substantivo.

Convertendo os dados da Tabela 2 em percentuais, obtemos o seguinte gráfico:

Gráfico 1 - Atividades com processos de flexão ou derivação do substantivo



Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

De acordo com o Gráfico 1, 29% das atividades do LD trabalham a flexão ou a derivação do substantivo de forma *completa*, o que corresponde a 07 atividades, 21% trabalham *de forma incompleta*, o que corresponde a 05 atividades, e 50% *não trabalham* os processos de flexão e derivação dos substantivos. Diante dos resultados obtidos, consideramos que ocorre uma dissonância entre as contribuições da academia com o conteúdo do material didático. E nos questionamos: para que serve o saber construído na academia se não são transpostos didaticamente para o LD?

#### 4.2 TRATAMENTO DADO AO SUBSTANTIVO

Com base na análise que responde ao critério: *O LD trabalha com regularidade/irregularidade, concordância/não concordância, não opcionalidade/opcionalidade da flexão e derivação do substantivo de forma completa, incompleta ou, ainda, não trabalha*, seguiremos analisando uma atividade que atende a flexão de forma *completa e incompleta*; outra que trabalha a derivação *de forma completa*; e outra que *não trabalha* as categorias elencadas, tendo em vista que não temos atividades que abordem a derivação *de forma incompleta*.

O primeiro exemplar analisado corresponde ao trabalho realizado com a flexão *de forma completa*, e encontra-se presente no capítulo 3 da Unidade 2, nas páginas 127-128. Vejamos a atividade na Figura 3.

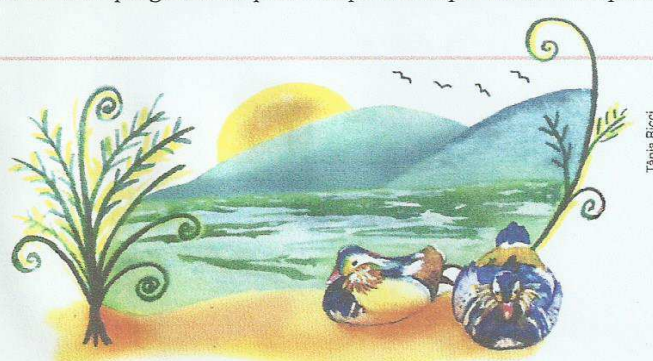
Figura 3 - Atividade com a flexão do substantivo *de forma completa*

## EXERCÍCIOS

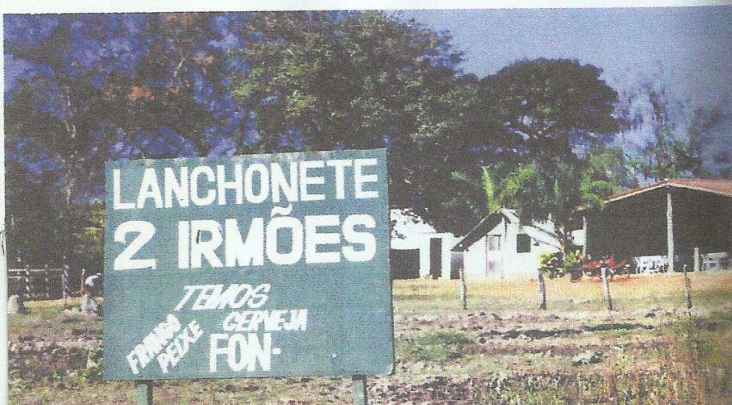
1. Leia o texto poético abaixo. Depois, reescreva-o, empregando no plural as palavras que estão entre parênteses, e releia-o.
 

Sol doce,  
rios e montanhas (esplêndidos).  
Aroma de (flor) e de (erva),  
no vento da primavera.  
Por sobre a terra em degelo,  
voam as andorinhas.  
Na areia tépida,  
Cochilam patos (mandarim).

(Du Fu. *Poemas clássicos chineses*. Tradução de Sérgio Capparelli. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 161.)


  
2. Reescreva as frases, passando para o plural os substantivos e os adjetivos destacados e fazendo as adaptações necessárias:
  - a) O **cidadão** acha **útil** o **serviço** de atendimento ao **consumidor** feito pelo comércio local.  
Os cidadãos acham úteis os serviços de atendimento aos consumidores feitos pelo comércio local.
  - b) O **gás natural** é um **excelente combustível** para **automóvel, caminhão, ônibus e moto**.  
Os gases naturais são excelentes combustíveis para automóveis, caminhões, ônibus e motos.
  - c) O **ancião** desceu o **degrau** apoiando-se no **corrimão**.  
Os anciãos/anciões desceram os degraus apoiando-se nos corrimãos/corrimões.
  
3. Reescreva as frases, empregando no plural os substantivos em destaque:
  - a) No interior ainda há casas com **quintal e pomar**. quintais, pomares
  - b) Minha mãe prefere que eu coma **mamão, melão**, e não apenas **pão e pastel**. mamões, melões, pães, pastéis
  - c) O **nadador** tem o **tórax** bem desenvolvido. nadadores, tórax
  - d) Para entender a **questão**, era preciso ter **noção** de matemática. questões, noções
  
4. Reescreva as frases, empregando no diminutivo e no plural os substantivos em destaque:
 

<ol style="list-style-type: none"> <li>a) O <b>pardal</b> é um pássaro comum, mas bonitinho. <small>pardalinhos</small></li> <li>b) Comprei um <b>mamão</b> bem verde. <small>mamõezinhos</small></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>c) Adoro dormir em <b>lençol</b> de algodão. <small>lençoizinhos</small></li> <li>d) Seu <b>coração</b> é muito bondoso. <small>coraçõezinhos</small></li> </ol>
--	---
  
5. Observe a placa que aparece na foto ao lado.  
A flexão do substantivo **irmão** está de acordo com as regras da norma-padrão? Justifique sua resposta.  
Não, pois, de acordo com a norma-padrão, seria irmãos.



Fonte: Cereja; Magalhães (2015, p. 127-128).

Na figura 3, podemos perceber que atividade aborda os critérios de regularidade, concordância e não opcionalidade definidos por Mattoso (2004) como critérios de flexão do substantivo. Sendo o processo de *flexão* possuidor de um sistema, de uma regularidade exigida pela própria organização da fala do indivíduo, a partir da natureza da frase ocorre a exigência de se adotar determinado vocábulo, como podemos ver nas questões 1, 2, 3 e 4 em que os substantivos, ao passarem a ser empregados no plural, fazem com que toda estrutura da frase se modifique. A flexão requer que os demais componentes da frase se articulem entre si, gerando uma *concordância*. Diante dessa regularidade e concordância exigidas temos o critério da não opcionalidade, tendo em vista que não podemos decidir se utilizaremos ou não tais critérios, diferentemente do que ocorre com a derivação.

Confirmando as afirmações acima, observemos a alternativa *a* da questão 2, em que é pedido para reescrever as frases passando para o plural. A frase que deve ser transformada é a seguinte: “O **cidadão** acha **útil** o **serviço** de atendimento ao **consumidor** feito pelo comércio local”. Ao passarmos a frase para o plural, podemos perceber que toda estrutura acompanha a mudança, não podemos simplesmente pluralizar as palavras destacadas, pois o substantivo deve concordar em gênero e número com os demais elementos da frase, para que haja nela um sentido completo, contribuindo ainda com o princípio da *não opcionalidade*, tendo em vista que os morfemas flexionais são exigidos de acordo com a natureza da frase, não podendo o falante optar em usá-los ou não, tais modificações ocorrem obedecendo aos critérios de flexão atribuídos por Mattoso (2004).

Em relação à derivação, não destacamos os critérios de irregularidade, não concordância e opcionalidade na atividade em análise, justificando assim, o trabalho apenas com a flexão do substantivo de forma completa.

Vale ressaltar que na gramática analisada a flexão ocorre em gênero e número do substantivo, e não em grau, como podemos perceber nas explicações das páginas 124 e 125 do LD. Esse olhar está em consonância com as posições de Mattoso (2004) quando argumenta que o processo de *flexão* é dotado de uma sistematização, de uma regularidade, exigida pela organização da fala dos indivíduos.

Os autores definem a flexão como as diferenças existentes entre gênero e número dos nomes. Eles costumam iniciar o assunto com uma atividade capaz de fazer com que os educandos elaborem um conceito a respeito do assunto a ser tratado. Um ponto positivo que podemos detectar é o fato de os autores não associarem o gênero ao sexo dos seres. Cereja e Magalhães (2015, p. 124) defendem que não devemos confundir o sexo com o gênero por dois

motivos: “Todos os substantivos do português possuem gênero, tanto os referentes a pessoas e animais quanto os referentes a coisas”; e ainda pelo fato de “mesmo substantivos que se referem a pessoas ou animais apresentam, muitas vezes, diferenças entre sexo e gênero”, por exemplo, os substantivos epicenos e comum de dois.

O segundo exemplar a ser analisado diz respeito à atividade que trabalha com os processos de flexão *de forma incompleta*, e encontra-se no Capítulo 3 da Unidade 2. Vejamos a proposta na figura 4.

Figura 4 - Atividade com a flexão do substantivo *de forma incompleta*

**EXERCÍCIOS**

1. Leia este texto, de Mário Quintana:

**Restaurante**


I

A lagosta tem a cor, o frescor, o sabor das antigas moringas de barro.

II

... e essa sensação de roçar na face a pele perfumada do pêssego, como se ele fosse uma pêssega...  
[...]

(A vaca e o hipogrifo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 27)



Ilustrações: Psonha

No trecho II, o poeta rompe com a convenção de gênero da língua. Responda em seu caderno: Que noção ele associa à flexão **pêssego/pêssega**?

quantidade       dimensão       sexo

2. A palavra **grama**, no feminino, significa gramínea de jardim; no masculino, significa unidade de peso. Suponha que você vá ao mercadinho comprar 800 gramas de grão-de-bico. Ao fazer seu pedido ao vendedor, o que você diria? *Quero oitocentos gramas de grão-de-bico.*

3. Leia este trecho de uma reportagem:

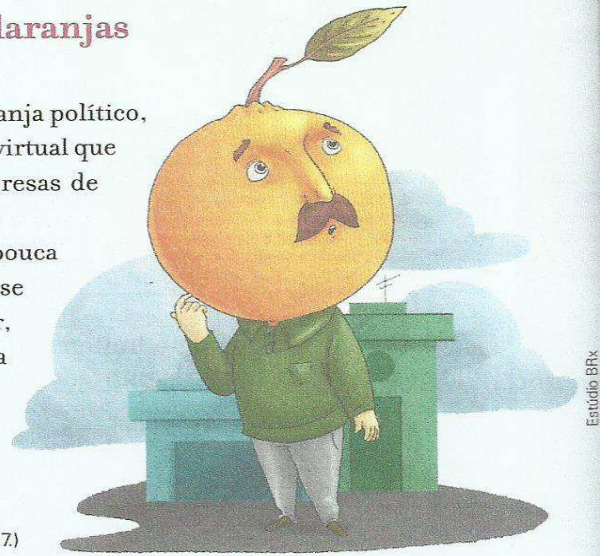
**País vira campo fértil para uso de laranjas**

[...]

Há laranja dos mais variados tipos. Desde o laranja político, identificado nas CPIs do Congresso, até o laranja virtual que surge na Internet para vender produtos de empresas de fachada, que não são entregues ao consumidor.

Cidadãos honestos, na maioria das vezes com pouca instrução e baixo poder aquisitivo, transformam-se em laranjas inconscientes ao assinar, sem saber, procurações utilizadas pelos fraudadores para abrir empresas de fachada. Documentos perdidos ou roubados são também instrumentos fáceis nas mãos de grupos criminosos para a criação de laranjas. [...]

(O Estado de S. Paulo, 21/10/2007)



O substantivo **laranja** tem significados diferentes quando colocamos antes dele os artigos **o** ou **a**.

a) Ao ler o título do texto, que sentido o leitor normalmente atribui à palavra **laranja**?

O sentido de uma fruta, em razão da presença, no título, da expressão "campo fértil".

b) Com qual sentido o autor da reportagem empregou essa palavra?

Com o sentido de pessoa que aparece legalmente como responsável por atos ou empreendimentos de outra; testa de ferro.

4. Leia esta tira, de Caco Galhardo:



(Folha de S. Paulo, 20/06/2005.)

O substantivo **moral** tem significados diferentes quando colocamos antes dele **o** ou **a**. Procure no dicionário o significado de **o moral** e **a moral**.

a) No 2º quadrinho, de acordo com o contexto, a personagem empregou adequadamente essa palavra. Por quê? Não, porque, como ele se refere ao estado de espírito da equipe, ele deveria ter empregado *o moral*.

b) Levante hipóteses: Por que, no último quadrinho, a personagem mantém o substantivo **moral** no feminino? Pode ser que a personagem que fala no último quadrinho tenha percebido o erro do colega e, nesse caso, empregado a forma feminina com o sentido de "conjunto das regras, preceitos etc., característicos de determinado grupo social", para, assim, corrigir o que foi dito; o emprego de "bons costumes" pode ter também o sentido de alertar o interlocutor quanto à conveniência de usar adequadamente as palavras.

Fonte: Cereja; Magalhães (2015, p. 125-126).

Na figura 4, constatamos que não são trabalhados todos os processos exigidos pela flexão do substantivo. Nela, o referido processo se limita a identificação do gênero associando-o à flexão ao sexo dos seres, com podemos perceber na *questão 1*.

Quanto aos critérios de flexão utilizados, percebemos que a *não opcionalidade* é utilizada de maneira subjacente na questão 2, tendo em vista que o autor não aponta outra



possibilidade para *oitocentos* gramas, não existindo outra resposta correta além dessa, como por exemplo, poderíamos usar *oitocentas*. Diante disso, constatamos que a flexão do substantivo é trabalhada de forma incompleta de acordo com os critérios definidos por Mattoso (2004).

A terceira proposta de exercício que será explorada apresenta o trabalho com os critérios de derivação do substantivo *de forma completa*. A atividade encontra-se presente no Capítulo 1 da Unidade 4.

Figura 5 - Atividade com a derivação do substantivo *de forma completa*

**A LINGUAGEM DO TEXTO**

1. Observe a expressão em destaque neste trecho do texto:

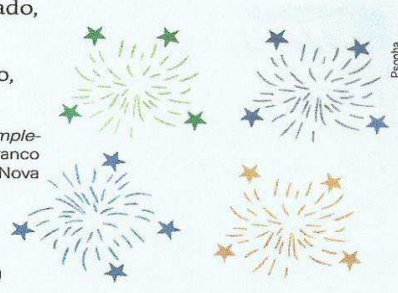
“João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas de dentro daquela casa de João-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo **tuim, tuim, tuim...**”

No contexto, a expressão **tuim, tuim, tuim** reproduz o chorinho das aves que estavam dentro da casa de João-de-barro. As palavras ou expressões que imitam aproximadamente, na escrita, sons e ruídos são chamadas de **onomatopeias**.

Nos textos a seguir, identifique as onomatopeias e indique o que imitam.

a) “Vamos ver quem é que sabe soltar fogos de S. João? Foguetes, bombas, chavinhas, chios, chuveiros, chiando, chiando, chovendo chuvas de fogo! Chá-bum!”  
chá-bum: som de fogos de artifício  
(Jorge de Lima. *Antologia poética*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.)

b) “Em cima do meu telhado, Pirulin lulin lulin, pirulin lulin lulin: som de flautim Um anjo, todo molhado, Soluça no seu flautim.”  
(Mário Quintana. *Poesia completa*. Organização de Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 134.)



2. As palavras no diminutivo terminadas em **-inho(a)** podem apresentar mais de um sentido. Observe estes trechos do texto lido:

- “Pegou uma tesoura: era triste, uma judiação, mas era preciso, cortou as **asinhas**”
- “Ofereceu comprar, o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o **bichinho**.”
- “Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha **certinho** pousar no dedo do garoto.”

Em qual trecho o diminutivo:

a) indica tamanho reduzido e, ao mesmo tempo, afetividade? *No segundo.*

b) dá à palavra o sentido de “perfeitamente”, “corretamente”? *No terceiro.*

c) indica tamanho reduzido e, ao mesmo tempo, pena, dó? *No primeiro.*

3. Releia o trecho:

“Em geral **a gente** cria em casa é casal de tuim, especialmente para se apreciar o namorinho deles. Mas aquele tuim macho foi criado sozinho”

a) A expressão **a gente**, na língua coloquial, pode apresentar dois sentidos diferentes. Pode ter um sentido equivalente a **nós** e pode também apresentar um sentido mais geral, equivalente a **todo mundo**. No contexto, qual é o sentido da expressão **a gente**? *O sentido de “todo mundo”.*

b) A palavra **é**, no trecho, é necessária? Qual sentido ela acrescenta? *Não, ela pode ser suprimida, sem prejuízo de sentido. Entretanto, ela ajuda a reforçar a ideia de que é mais comum criar casal de tuim do que criar um tuim sozinho.*

c) O emprego da expressão **a gente** e da palavra **é** confere ao trecho um tom mais formal ou mais informal? Justifique sua resposta. *Mais informal, pois tais empregos são comuns na linguagem informal.*

Fonte: Cereja; Magalhães (2015, p. 205).

Veja que Cereja e Magalhães (2015) apresentam a flexão como diferenças existentes entre gênero e número dos nomes, e não em relação ao grau como indica a Gramática Normativa.

Há uma discussão existente entre alguns autores a respeito do grau do substantivo, alguns acreditam ser flexão e outros derivação. Mattoso (2004) defende que o grau faz parte do processo de derivação, pois é um processo de formação de novas palavras através do acréscimo de afixos a uma base, sendo um processo assistemático pelo fato de não existir regras para o surgimento de novas palavras. Há palavras que sofrem a derivação e outras não. Isto dependerá da necessidade do falante.

Podemos destacar na questão 2, a presença do sufixo derivacional *-inho(a)*, e a partir de sua utilização pode haver o surgimento de novas palavras com novos sentidos, como vemos nas alternativas em que o mesmo sufixo atribui sentidos diferentes. Percebemos então, os critérios de derivação trabalhados *de forma completa*, pois não há uma regularidade para que sejam utilizados, não necessita concordar com os demais elementos da frase; além de ser opcional, ou seja, o falante pode optar em usá-los ou não.

O quarto exemplar a ser analisado corresponde à atividade que *não trabalha* a partir dos critérios em análise e está presente no Capítulo 1 da Unidade 2. Verificamos que a parte gramatical do capítulo corresponde à introdução a respeito dos substantivos, de modo que os alunos construam um conceito sobre o tema. Expomos uma atividade que *não trabalha* a flexão e a derivação do substantivo, considerando que é uma atividade que aborda o substantivo. Vejamos a atividade na Figura 4.

Figura 6 - Atividade que *não trabalha* os critérios de flexão e derivação do substantivo

**O SUBSTANTIVO NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO**


Leia a letra de uma canção de Vinícius de Moraes e Paulo Soledade:

**A formiga**

As coisas devem ser bem grandes  
Pra formiga pequenina  
A rosa, um lindo palácio  
E o espinho, uma espada fina

A gota d'água, um manso lago  
O pingo de chuva, um mar  
Onde um pauzinho boiando  
É navio a navegar

O bico de pão, o corcovado  
O grilo, um rinoceronte  
Uns grãos de sal derramados  
Ovelhinhas pelo monte.



Psomía

1. Os compositores, nessa canção, apresentam duas visões de mundo: a do homem e a da formiga.
- a) Os elementos a seguir expressam a visão do ser humano. Dê os elementos que correspondem a eles, na visão da formiga.
- rosa palácio
  - gota d'água lago
  - pauzinho navio
  - grilo rinoceronte
  - espinho espada
  - pingo de chuva mar
  - bico de pão corcovado
  - grãos de sal ovelhinhas
- b) Observe as respostas do item anterior. A que classe gramatical pertencem as palavras dadas como resposta? A classe dos substantivos.
- c) Alguma dessas palavras designa sentimento, sensação ou qualidade? Não.
2. No texto, há predominância de substantivos comuns e concretos.
- a) Na sua opinião, por que isso acontece? Porque o texto trata das coisas materiais que estão no mundo, ora na visão do homem, ora na visão da formiga. Essas coisas nomeadas referem-se a seres em geral (substantivos comuns) e reais (substantivos concretos).
- b) Troque ideias com os colegas: O substantivo **corcovado** é comum ou próprio?
3. Se coubesse a você dar continuidade à letra da canção, que outros substantivos comuns e concretos usaria? Resposta pessoal. Sugestão: folha, caroço de fruta, pena, fio de cabelo, pedra, prego, etc.
4. Você observou, na letra da canção, o emprego predominante de substantivos. Considerando que todo recurso linguístico pode colaborar para a construção do sentido dos textos, reconheça quais das seguintes afirmações a respeito da função que o substantivo desempenha na canção são verdadeiras.
- I. Na canção, a percepção do mundo é construída exclusivamente a partir da ótica da formiga.
  - II. A visão do mundo é construída a partir de uma dupla perspectiva, a do homem e a da formiga. Para captar essa duplicidade, são empregados na canção substantivos que nomeiam tanto os seres vistos pelo homem quanto os vistos pela formiga.
  - III. A predominância de substantivos comuns e concretos na canção deve-se à enumeração de coisas reais e comuns que formam o mundo para o homem e a formiga.
  - IV. A canção nos leva, de modo simples, a perceber que nossa visão do mundo é relativa.

Fonte: Cereja; Magalhães (2015, p. 96-97).

A partir da proposta de atividade acima, podemos destacar que é um modelo que *não trabalha* com os critérios que definem os processos de flexão e derivação definidos por Mattoso (2004), se limitando apenas em classificar os substantivos de acordo com a distribuição realizada pela gramática normativa, preocupando-se apenas com a nomeação dos seres e sua distribuição.

Por fim, ressaltamos que, diante da análise realizada, os critérios que definem os processos de flexão e derivação do substantivo atribuídos por Mattoso (2004) não são trabalhados de forma conjunta nas atividades que compõem o LD.

Além disso, percebemos que os conteúdos são trabalhados de forma isolada e em pequena quantidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O LD é um dos materiais de maior destaque em sala desempenhando o papel de auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, acompanhando as diversas mudanças que sofreu ao longo dos anos, ele passa por inúmeras avaliações e reformulações com o intuito de colaborar para uma melhor educação, capaz de fornecer a professores e alunos um suporte cada vez mais avançado e inovador. Dentre esses conhecimentos, o estudo dos processos de flexão e derivação do substantivo é um ponto fundamental para que haja uma maior compreensão de como a língua funciona, como foi o caso desta pesquisa.

Com base na análise realizada nesta investigação sobre como LD do 6º ano do ensino fundamental trata dos processos de flexão e derivação do substantivo, verificamos que 29% das atividades do LD trabalham a flexão ou a derivação do substantivo de forma *completa*, o que corresponde a 07 atividades, 21% trabalham *de forma incompleta*, o que corresponde a 05 atividades, e 50% *não trabalham* os processos de flexão e derivação dos substantivos.

Baseado nisso, consideramos para a análise quatro propostas de atividades do LD: uma que trabalha os processos de flexão *de forma completa*; a segunda que trabalha a flexão *de forma incompleta*; a terceira que trabalha a derivação *de forma completa*; e por último um exemplo de atividade que *não trabalha* com os processos de flexão ou derivação. A primeira proposta se encaixa no grupo do trabalho com a flexão *de forma completa* pelo fato de conseguir abordar os três critérios estabelecidos para a flexão. A segunda é capaz de abordar um ou mais critérios, mas não os três. A terceira trabalha todos os critérios estabelecidos para a derivação. E, a última, apesar de trabalhar com o substantivo, não aborda a flexão ou derivação da classe gramatical em questão.

A partir desse resultado, consideramos que há um baixo percentual para um trabalho efetivo de análise linguística dos devidos processos, necessitando de uma reformulação para que consiga atender a uma educação de qualidade, capaz de possibilitar aos alunos melhores formas de ensino-aprendizagem, levando em consideração as orientações expressas nos documentos oficiais.

Dessa forma, compreendemos que a pergunta de pesquisa foi respondida, considerando que os objetivos do trabalho foram alcançados. Ressaltamos ainda, que a metodologia adotada conseguiu atender ao propósito que havíamos estabelecido. As referências utilizadas para construção de nosso trabalho foram suficientes, uma vez que nos

permitiram compreender a evolução do LD e sua importância em sala de aula, bem como analisar o estudo do substantivo, sendo assim, conseguimos contemplar a nossa proposta de análise.

Através desta pesquisa, ampliamos nossa compreensão em relação aos processos de flexão e derivação do substantivo trabalhados em sala de aula, compreendendo que é de suma importância que o professor observe as propostas apresentadas no LD e possa assim buscar meios de aprofundar seu conhecimento e transmiti-los de maneira mais coerente e completa aos discentes. Para tanto, a reflexão e uma constante atualização a partir do que é sistematizado para o ensino se fazem necessárias. Acrescentamos a isso, a ideia de que, de posse da compreensão dos processos analisados, o professor pode acolher com mais produtividade o discurso do seu aluno em prol de construir juntos os variados usos de que a linguagem humana nos proporciona.

Finalizadas as discussões, evidenciamos a importância de novas pesquisas sobre o LD de Língua Portuguesa e sobre suas formas de abordagens das classes gramaticais, tendo em vista que ainda é o instrumento de maior utilização no contexto escolar, necessitando assim, ser avaliado e adaptado periodicamente para que forneça um aprendizado mais eficaz.

## REFERÊNCIAS

- BAIRRO, C. C. **Livro Didático: Um olhar nas entrelinhas da sua história.** s/d, p. 1-19.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Guia de Livros Didáticos PNLD 2018 – Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEB/FNDE, 2017. 120 p.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base.** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens, 6º ano.** 9. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2015.
- COSTA, W. F. FREITAG, B. MOTTA, V. R. **O livro didático em questão.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FIORIN, J. L. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.
- FREITAS, N. K. RODRIGUES, M. H. **O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo.** Santa Catarina, 2007.
- GERALDI, J. W. O ensino de língua portuguesa e a base nacional comum curricular. 9. ed. Brasília: **Revista Retratos da Escola**, 2015, p. 381-396.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MADEIRA, M.S. **Livros didáticos de língua portuguesa: o ensino de gêneros textuais.** Duque de Caxias: Universidade do Grande Rio, 2012.
- MARGOTTI, F. W. **Morfologia do português.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.
- ORLANDI, E. P. **O que é linguística.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- OTA, I. A. S. **O livro didático de língua portuguesa no Brasil.** Curitiba: Editora UFPR, 2009, p. 211-221.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2013.

SANTOS, C. M. C. **O livro didático do ensino fundamental: as escolhas do professor**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, M. C. P. de S. KOCH, I. G. V. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2005.